

33

Bastio e Libera
Vol. 67

350.00



Blama Schroberlle. fecit. 1751



RELACAÕ

D A S 5

SOLEMNISSIMAS EXEQUIAS, E FUNERAES HONRAS

D O

REY FIDELISSIMO

D. JOAÕ V.

O

MAGNANIMO,

Que se fizeraõ na Cidade do Porto, e que na Igreja Cathedral da mesma
Cidade celebrou

O EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FR. JOSEPH MARIA

D A

FONSECA E EVORA,

*Ex-Geral dos Menores de S. Francisco, Ex-Plenipotenciario da Corõa de
Portugal na Corte de Roma, Prelado Domestico de S. Santidade, Af-
sistente ao Solio Pontificio, Bispo do Porto, do Conselho do REY Nos-
so Senhor, e das Magestades Imperial, e Sardiniese, &c. &c.*

COMPOSTA, E ORDENADA

P O R

RAFAEL DE SA' BAYESCA, E MONTARROYO,



P O R T O:

Na Officina Episcopal do Capitaõ MANOEL PEDROSO COIMBRA,
Anno de 1751.

Com todas as licenças necessarias,



COMPRA
196804

Handwritten red text:
H 6 /
22833

RELAÇÃO

SOLEMNÍSSIMAS EXCELISSIMAS E TITULADAS DE
D. O.

REY FIDELÍSSIMO

D. JOÃO V.

MAGNÍMICO

Que se faz no Cidadao de Porto, e que no Igreja Cathedral da mesma
Cidade celebra

O EXCELLENTÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR

D. F. JOSEPH MARIA

D. A.

FONSECA E IVORA

Ex-Gentil dos Honros de S. Francisco, Ex-Plenipotenciario da Coroa de
Portugal no Corte de Roma, e Relator do Conselho de S. Santidade, Af-
filiante ao S. Officio, e do S. Officio de Porto, do Conselho de R. E. N. G.
Jo. Senha, e das Magestades Imperiaes de Indias, e de S. P. N. G.

COMPOSTA E ORDENADA

POR

RAFAEL DE SA MATEUS, E MONTARROY.



P O R T O

Na Officina Episcopal do Capitulo MANOEL PEDROSO COIMBRA
Anno de 1751.

Com todos os direitos reservados





NOTICIA PRELIMINAR



ESCREVO NESTE LUGAR ALGUMAS das acçoens do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo do Porto, respectivas á molestia do Senhor REY D. João V. de sempre indelével saudade; por serem das mais pias, e solemnes, que se tem visto; assim para demonstração prévia do grato animo de S. Excellencia Reverendissima, como para evitar incoherencia com a ordem, que quero observar na fiel Relação das Reaes Exéquias nesta nobilissima Cidade, e sua Cathedral.

Em o mez de Mayo de 1742 chegou a noticia do primeiro assalto, que na sua dilatada enfermidade experimentou Sua Magestade Fidelissima; e logo S. Excellencia, concedendo liberalmente ~~Indulgencias~~ Indulgencias aos fieys, que deprecaassem a Deos pela feliz conservação do mesmo Augusto Monarca, ordenou se fizessem Préces geraes por todo o Bispoado; e na sua Cathedral huma Novena dedicada á miraculosa Imagem do Santo Crucifixo com o titulo do Senhor d'Além, aqual se fez com a maior devoção; e finalizou no dia 19 do dito mez, em que a mesma Veneranda Imagem foy conduzida em solemnissima procissão composta da principal Nobreza, dos Ministros da Relação, das Confrarias, das Comunidades Religiosas, do Clero, da Curia Ecclesiastica, e do Reverendissimo Cabido, concluindo todo o acto os corpos da Camera, e da Guarnição Militar. Prégou ultimamente, com muyta doutrina, erudição, e effi-
cacia o Mestre Fr. Pedro de S. Francisco Ex-Definidor da Provincia da Observancia de Portugal, e Lente de Prima de Theologia em S. Francisco da Cidade, tomando por thêma as palavras do Psalm. 19. *Domine, salvum fac Regem, & exaudi nos.*

No mez de Julho do anno de 1747. experimentou Sua Magestade repetição do accidente, e tambem S. Excellencia Reverendissima procurou reiterar os remedios, applicando com a mesma liberal mão as Indulgencias, e mandando, com Pastoral actividade, que todo o Clero da sua Diocese fizesse no Sacrificio da Missa commemoração com as oraço-

ens costumadas *pro infirmo*, e se fizessem Prêces a Deos N. Senhor pela vida, e saude de S. Magestade. Então se dignou a Omnipotencia Divina ouvir os clamores dos afflictos vassallos, concedendo fausta melhora ao seu amado, e Fidelissimo REY com universal contentamento. Do seu, quiz dar S. Excellencia Reverendissima huma extraordinaria próva na pompoza acção de graças, que preparou, para o que fez publicar huma Pastoral, que por digna da historia, dou aqui fielmente transcripta.

D. Fr. Joseph Maria da Fonseca, e Evora, Ex-Geral da Ordem dos Menores, Conselheiro Anlico do S. R. Imperio, D. Prior do Mosteyro de S. Pedro de Ferreyra, Donatario dos Direytos Reaes desta Cidade, e do Pezo da Régoa, Senhor dos Contos, e Honras de Loriz, Paranhos, Campanhã, Crestuma, Ferreyra, Samdoado, S. Pedro da Cova, Pezo, &c. Prelado Domestico de S. Santidade, Assistente ao Sóllo Pontificio, do Conselho do Rey N. Senhor, por mercè de Deos, e da Santa Sé Apostolica Bispo desta Cidade, e Bispado do Porto, &c.

A todos os nossos amados filhos, e subditos desta Cidade, e suburbios saude, e paz em JESU Christo N. Salvador.

SEndo para todos de tanto gosto a melhora do nosso Amantissimo, e Augusto Monarca, quanto nos tinhaõ dado afflictção as suas molestias, he igualmente justo o darmos também ao Altissimo os devidos agradecimentos, por taõ assinalado beneficio, dignando-se ouvir clemētissimamente as nossas lacrymosas prêces, e compadecendo-se benigno dos nossos suspiros, a cujo fim nos resolvemos celebrar Missa Pontificalmente em acção de graças na segunda Dominga 10 do presente mez, dia consagrado ao Santissimo Nome de MARIA, a cuja Potentissima intercessão devemos este distincto favor. Depoes da Missa se cantará também o Te Deum, e de tarde levaremos em publica procissão de triumpho pelas ruas desta Cidade o Santissimo Sacramento fonte perenne de todas as graças, cortando porêm da rua dos Mercadores pela rua Nova, em attenção ás circumstancias do tempo; e nos acompanharão nella todo o Clero Secular, e Regular com os seus Santos Patriarcas, e Padroeyros das Paroquias, e Confrarias; e por ultimo a Imagem de N. Senhora da SAUDE desta Cathedral, á qual muito nos recõmendamos nas passadas angustias; e esperamos nos continúe as presentes prosperidades. Ordenamos por tanto, e mandamos, que todas as pessoas Ecclesiasticas, Communidades, e Confrarias costumadas a intervir na procissão de Corpus Christi, assistaõ, e concorraõ na referida procissão, debayxo das mesmas penas,

penas, e censuras pōstas naquelle Edital, q̄ em todos os annos se costuma publicar; e que para isso se achem pelas tres horas da tarde da dita Dominga no largo, e adro desta nossa Santa Sé, e as Confrarias, que levarem andor, hirão por esta vez atrás das mais, sem prejuizo dos direyos de cada huma. No dia antecedente, de Sabbado, pelas Ave Marias, ao repicar da Cathedral, mandamos, que por espaço de meia hora, fação o mesmo todas as Igrejas desta Cidade, e seus suburbios, e que se repitão semelhantes demonstraçoẽs de alegria na Dominga ao Te Deum, e ás Ave Marias da tarde; e outro si, que nas noytes dos mesmos dous dias, se fação luminarias, assim nas Comunidades, e lugares pios, que em todas as cazas dos Ecclesiasticos, e pessoas a nós sujeitas: E para que nada falte nas publicas expressoens do nosso gosto, se fará tambem na segunda feyra huma Academia literaria nestes nossos Paços, para que, depoes dos festejos da vontade nos actos da nossa devoção, tenham igualmente lugar os do entendimento nos discursos, e louvores de tão Pio, e Sabio Princepe: para o que dezejamos concorraõ os engenhos doutos, e eruditos; assim de que o applauso seja o mais decente, e o acto o mais decoroso, que merece tão grande Protecõ das letras, qual foy sempre S. Magestade, em publico beneficio de seus Vassallos, elustre destes Reynos, em cujo dominio Deos o conserve por dilatados annos. No em tanto damos a todos a nossa Paternal benção. Dada no Porto, e Paços da nossa residencia sob nosso signal, e sello de nossas Armas aos 5 de Setembro de 1747, e VII. do nosso Pontificado.

Joseph Maria Bispo.

Lugar do Sello.

Eu o Padre Francisco da Costa
Escrivaõ da Camera a subscrevi.

No dia 9 do dito mez, de tarde, principiáraõ os repiques em todas as torres das Igrejas, e Conventos desta Cidade; e á noyte as luminarias. No dia seguinte, pela manhã, se expoz o Santissimo Sacramento na Cathedral; celebrou S. Excellencia Reverendissima em Pontifical, recitou huma elegantissima Humilia na lingua Latina, e deu principio ao Te Deum, executando-se tudo com extraordinaria solemnidade, excellente Musica, e assistencia da Curia Ecclesiastica, dos Prelados das Religioens, do Senado da Camera, dos mais Ministros, da Nobreza, e de innumeravel povo. Na tarde do mesmo dia se fez a procissãõ composta das numerosas Confrarias da Cidade, e de huma legoa em distancia, das Comunidades Religiosas, do Clero Secular (todos com andores, em que conduziaõ as Imagens de seus Santos Patriarcas, e Patronos) da Arca do Corpo de S. Pantaleão, e ultimamente dos Reverendos Capitulares, que

com os Beneficiados, e Capellaens da Sé vinhaõ paramentados de Cazu-
las, Cappas, e Tunicéllas de riquissimo tiffú. Conduzia o Santissimo Sacra-
mento S. Excellencia Reverédissima, servindo-lhe de Caudatario Joaõ da
Sylva Tello, filho do Illustrissimo, e Excellentissimo Conde de Aveyras,
pegando nas varas do Palio alguns dos principaes, e distinctos Cidadãos,
e concluindo todo o acto o Senado da Camera. As ruas estavaõ primo-
rosamente ornadas, e foraõ bordadas por duas alas de Militares do prest-
dio, que logo se hiaõ pondo em forma, para a acompanharem a procissãõ,
depoes daqual, deraõ tres salvas.

Nas duas tardes dos dias seguintes 11, e 12 do dito mez de Setembro,
se juntou huma numerosa Academia, em que concorreraõ engenhos de
conhecida erudiçaõ, que recitaraõ doutissimas oraçoens, e poeias em dif-
ferentes idiomas. Foi Orador Latino o R. Licêciado Bernardo de Mey-
relles Freyre, Abbade de S. Eulália de Constãce: Orador Portuguez o R.
P. M. Fr. Francisco Xavier de S. Thereza, da Observancia de S. Francis-
co, Academico da Real Academia da Historia Portugueza, e da Arcadie
de Roma: Orador da eloquência o R. P. M. Fr. Cypriano da Rocha, Mon-
ge de S. Jeronymo no Convento de Bellém, e Doutor em Theologia: O-
rador da Poesia o R. P. M. Fr. Joaõ de Mansilha da Ordem dos Prégado-
res, Doutor, e Lête de Theologia: Oradores do Probléma o R. P. M. An-
tonio de S. Martha Lobo da Congregaçaõ do Evágelista, Doutor, e Lente
de Theologia, Examinador Synodal do Bispado, e Academico dos Arca-
des, e o R. P. M. Fr. Antonio do Espirito S. Andrada, Guardiaõ do Con-
vento de S. Francisco desta Cidade, e Secretario da Provincia de Portu-
gal: foraõ mais Academicos da Meza, o Dezembargador Manoel Fer-
reyra da Costa Saboya Juiz das Védorias dos Prazos da Mitra, e Synodal
do Bispado; o R. Doutor Manoel de Oliveyra Ferreyra, Oppositor da fa-
culdade de Canones na Universidade, e Reytor da Paroquial de Olivey-
ra de Azemeis; o R. Licenciado Joaquim Pereyra, Presbytero Theolo-
go; Thadeo Luis Lopes de Carvalho Fonseca, e Camoens, Fidalgo da
Caza Real, e Senhor de Abbadim, e Negréllos; Martinho Velho da Ro-
cha Oldimburg, Professo na Ordem de Christo; e o Doutor Joseph Car-
los Pinto de Azevedo. Enviaraõ muytas, e discretas composicoens, em-
proza, e verso, os Reverendos Padres da Companhia de Jesu, e da Con-
gregaçaõ do Oratorio, o R. Doutor Joseph Pedro Vergollino, Fidalgo
da Caza Real, Oppositor em Canones, Arcipreste desta Sé, e Provisor
do Bispado, o R. Thomaz Correa Maciel, TheSoueyro Mór de Lamego,
Juiz Synodal deste Bispado, e Doutor em Canones, o R. Doutor Ignacio
de Carvalho, e Cunha, Arcipreste da Insigne Collegiada de Guimaraens,
o R. Doutor Pauliño Antonio Cabral, o Doutor Joaõ Antonio da Sylva,

e Leão, Giraldo da Sylva, e outros muitos. Fizeraõ-se estes actos mais a-
práziveis, com huma harmoniosa Musica de vozes , e instrumentos. Con-
correraõ mais de 500 pessoas de todos os estados, para o que fez S. Excel-
lencia Reverendissima construir huma espaçosa caza, riquissima, e primo-
rosamente ornada com admiraveis tapeçarias; e ultimamente foy o Audi-
torio regalado de forvêtes.

No dia 13 houve no mesmo Palacio serenata de nova, e admiravel com
posiçaõ de solfas , e letras , acuja funçaõ concorreo auditorio distincto, e
numerozo , pelo qual mandou S. Excellencia Reverendissima distribuir
hum polido refresco de doces, fructas geladas, e forvêtes.

Com jubilo , e prazer tanto solemnizava S. Excellencia a melhoria do
seu Fidelissimo Rey, de cuja larga enfermidade patenteou evidentes, e fi-
delissimos sinaes de magoa, por gratificaçaõ da Real benevolencia, com
que S. Magestade sempre especializára o singular talento, e estimavel Pes-
soa deste Excellentissimo Prelado seu Plenipotenciario na Corte de Ro-
ma, onde lhe incumbiraõ importantes negociaçoẽs da Monarquia; cujos
sinaes melhor se comprovaõ com o sentimento , que em sua deploravel
morte mostrou nas magnificas Exéquias, que lhe dedicou, como farei cer-
to na fiel Relaçãõ, que se segue.



RE-



R E L A Ç A Õ

D A S

FUNERAES EXEQUIAS.



NAÕ HA EM TODA A CIRCUMFEREN-
cia do Orbe, nação (ainda que inculta) que não pro-
cure perpetuar a memoria de seus defuntos Herões, e
encõmentar á posteridade as demonstraçoens de sua
fineza, construindo sepulchraes monumentos, e cele-
brando apparatusos espectaculos á proporção da sua
munificencia, e do seu sentimento. Entre os Roma-
nos, são memoraveis as funebres Exéquias de Numa, de Adriano, e de
Augusto: entre os Gregos, as de Philopemenes, e as de Pelopida: entre
os Efesinos, as de Mausólo; e entre os nossos antigos Lusitanos, as do
grande Viriato. Os Turcos, e tambem os Indios praticam as funeraes
Honras com solemnes ritos, em que dam publico testemunho de pezar na
morte de seus mayores. Isto, que entre os Gentios, e Infieys era supersti-
çã vaidoza, tem entre os Catholicos a Igreja convertido em pia açã; sendo
por este principio, famigeradas nos Annaes do Christianismo as lú-
gubres Exéquias dos Catholicos Emperadores Constãtino Magno, e Car-
los V, as do Magnifico REY D. Joã I. de Portugal, e as de outros muy-
tos Herões.

Porém com mayor rasã, ham de ser perduraveis na memoria dos vin-
douros as incomparaveis heroicidades, e virtudes do REY FIDELIS-
SIMO D. JOAM V. O MAGNANIMO, de cuja morte sentidissi-
ma fazem funesta demonstraçam todas as quatro partes do Mundo: se-
bem que deste sentimento universal, coube muy avultada porçã ao Ex-
cellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo do Porto, o Senhor D. Fr.
Joseph Maria da Fonseca e Evora; porque chegãdo-lhe nos fins de Julho
(mez fatidico aos futuros seculos, pela nossa indelével faudade) noticia
da repetiçã do accidente em S. Magestade, promptamente S. Excellen-
cia

2 *Relação das funeraes Exéquias*

cia Reverendissima, por impulsos de sua fiel gratidam, mandou repetir as Préces geraes por todo o seu Bispado. Principiou no mesmo tempo a suscitarse nesta Cidade do Porto huma voz vaga do tragico, e fatal successo, aqual, ainda que nam passou de duvidoso susurro; de tal sorte penetrou o coração de S. Excellencia Reverendissima, que bastou para o fazer cahir em profunda melancolia; porque quando ao deposes, pela certeza, se ouviraõ os brados mais estronдозos, já o rayo tinha executado os estragos.

Chegou pois no dia 10 do mez de Agosto do presente anno de 1750. carta firmada pela Real maõ, com expressoens de benevolencia para o mesmo Excellentissimo Prelado, individuando-lhe a lamentavel noticia do falecimento *da Magestade Fidelissima*, succedido no dia 31 de Julho, para hir gozar de melhor corõa. Instantaneamente abriu S. Excellencia Reverendissima as portas da sua generosa piedade, affecto, e gratidam; e mandou, nam só fechar por 8 dias as do seu Tribunal, mas tambem que no dia 11 principiassem adobrar os sinos das torres, assim das Igrejas Paroquiaes, como das Communidades por espaço de hũ triduo, deposes que se ouvissem os da Cathedral: o que tudo assim se executou, correspondendo aos sinaes das torres até o dia 13, as descargas de artelharia das Fortalezas, e das Nãos com bandeira a meia haste; acujo violento impulso o ar ferido gemêo com eccos tam estronдозos, que publicando a sensivel afflicçam do Excellentissimo Prelado, e do povo Portucalense, ajudavam o lamento universal da irreparavel perda de hum tam grande REY.

Ideava S. Excellencia Reverendissima as Reaes Exéquias, a publicaçam de sua Pastoral, os pios suffragios, os sacrificios, e o luçto da sua numerosa Familia, e caza com tal generosidade, que se proporcionasse á grandeza do objecto, e dezempenhasse o heroico agradecido animo de S. Excellencia denotando igualmente o seu excessivo pezar. Correspondiam-lhe as melancolicas demonstraçoens de tristeza, que se viam em toda esta Cidade, onde as mesmas pedras nesta occasiaõ se quizeram inculcar sensiveis, com os sinaes luçtuosos, que demonstravaõ nos porticos, e praças publicas, em que o esplendor das Portuguezas Quinas se deyxou ver obscuramente eclypsado; porque os escudos das Reaes Armas, que estaõ nas portas da Relaçãõ, da Védoria, do Corpo da Guarda, da Cazinha, e nas praças da Ribeyra, da Fonte d'Arca, de S. Sebastiaõ, de S. Bento, &c. se mãdaraõ cubrir de luçto pelos Governadores, Magistrados, e pessoas, a que incumbia. O Chancelêr, Governador das Justiças, Joseph Pedro Emaüs, Fidalgo da Caza Real, mandou fechar a Relaçãõ, e Tribunaes; e o mesmo fez, no da Alfandega, o Juiz della Pedro Pacheco Pereyra, Fidalgo da Caza de S. Magestade.

No mesmo dia 13. de Agosto fez o Senado da Camera publicar o luçto geral por tempo de dous annos, conforme as ordens de S. Magestade: acompanhavaõ o Pregoeyro dous Porteyros, os officiaes da Almotaceria; e o Alcaide da Cidade com vara negra, e todos de luçto comprido, precedidos de seis tambores com as cayxas cubertas, e com fumos cahidos, tudo pela formalidade do estylo praticado em similhantes funçoens fúnebres. Já entãõ o mesmo Senado tinha por escrito supplicado a S. Excellencia Reverendissima quizesse mandar dobrar os sinos na tarde do dia 16. do corrente, e na manhã de 17. véspera, e dia, em que se executava a cerimonia do pranto, e da fracçaõ dos escudos.

No dia 16. de tarde, por ordem do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo, dobraraõ os sinos da Sé, a que se seguiraõ os das mais Igrejas, e Communidades. Fizeraõ a costumada correspondencia as descargas da artelharia nas Fortalezas da Marinha, por ordem do Governador das Armas D. Diogo de Souza; e nas Naus furtas no Douro, nascionaes, e Estrágeiras, por ordem do Superintendente da Ribeyra do Douro Antonio Caetano Joseph de Souza e Magalhães.

No dia 17. de manhã, em que continuáraõ a artelharia, e sinos, mandou fabricar o Senado da Camera nos Terreiros da Sé, S. Bento, e Ribeyra, 3. theatros cubertos de baeta negra, para nelles se quebrarem os 3. escudos, servindo-lhes de guarda, algumas Companhias de Soldados. Sahio o mesmo Senado pela ordem, e forma seguinte: seis Sargentos para desimpedirem as ruas da multidaõ do povo, os Porteyros; os officiaes da Almotaceria; o Alcaide da Cidade; o Juiz, e Procuradores do Povo; os dous Almotaceis Pedro Pedrossen, e Apolinario Ribeyro de Lima, o Vereador mais velho Gonçalo de Almeyda de Souza e Sá, môtado em hum Cavallo cuberto de luçto, a acompanhado de dous lacayos, e de hum servente da Camera, ajudando-o á bandeira, que levava ao hombro; o Escrivaõ da Camera Joã Thomáz de Araujo Rangel, o Procurador da Cidade, e Syndico da Camera o Doutor Manoel Pereyra Valente, Os 3. Vereadores Jeronymo Brandaõ Pereyra Prestrello, Francisco Diogo de Souza Cyrne, e Francisco de Souza da Sylva Alcoforado, o Doutor Joã Cardozo de Azevedo, que servia de Juiz de Fora do Civel, e de Presidente da Camera, e o Doutor Joã Tavares de Abreu, que servia de Corregedor da Comarca. Repetia o Vereador mais velho o pranto, na forma costumada, pelas ruas, e praças, e todos trajavam luçto comprido, e vinham com varas negras.

Nas tardes deste dia, do 18, e 19. sahio o Governador das Armas com o seu regimento em forma pelas principaes ruas desta Cidade, e no Caes

4 *Relação das funeraes Exéquias*

de Miragaya, Rua Nova, e Terreiro de S. Bento se deram as 3. descargas a horas de Ave Marias, a que logo se seguiam as Fortalezas da Barra, e da Córta. Todos os Officiaes trasiam os esportoens, e bandeiras de raistro, fumos nos chapeos, e bandas de tafeté preto; os Sargentos com suas albardas da mesma fórma, e laços de fumo no braço; os Soldados cõ as bocas das armas para terra, e gravatas negras, e os Tambores com as cayxas cubertas de luçto, e fumos nos chapeos &c. Distinguiram-se nesta funçam fúnebre os Militares, com a bizzarria, que lhes inspira o seu Illustre Governador.

No primeiro do mez de Setembro mandou S. Excellencia Reverendissima ás Igrejas Paroquiaes, e avizou ás Communidades, para que, na fórma já praticada, dobrassem os sinos nos dias destinados para as Honras fúnebraes, para cujo acto mandou lavrar huma Pastoral, que, por indece do seu innato zelo, dou copiada neste lugar.

D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Evora, Ex-Geral da Ordem dos Menores de S. Francisco, Prelado Domestico de S. Santidade, Assistente ao Sóllo Pontificio, Cõmendador da Insigne Collegiada de Cedoseita, Dom Abade de Santa Cruz da Maya, D. Prior do Mosteyro de S. Pedro de Ferreyra, Senhor dos Direytos Reaes desta Cidade, dos Coutos, e Honras de Campanhã, Loriz, Paranhos, S. Pedro da Cõva, Crestuma, Ferreyra, Pezo da Régoa, e Samdoado, e por mercè de Deos, e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, do Conselho de S. Magestade Fidelissima, &c. &c.

Aos nossos muyto amados filhos em Christo, Clero,
e Povo, faude, e paz em JESU Christo N. Salvador.

O *Altissimo, e Poderoso Deos, que sabiamente tem determinado os dias da vida de cada hum dos homens: Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt; chamou a si o nosso Monarca o Senhor REY D. JOAM V. DE SAUDOZA RECORDAC, AM, no dia 31. de Julho do presente anno, cheio de merecimentos, e universalmente sentido de seus fieys vassallos, por se ter sempre empregado a beneficio da Igreja, da Fé, e da Religião: motivos todos, que obrigarão ao Oráculo do Vaticano o Beatissimo P. Benedicto XIV. hora Presidẽte na Igreja de Deos, a declarar-lhe em confessorio publico o merecido titulo, e proprio tratamẽto de REY FIDELISSIMO, conforme a Bulla, que lhe enviou com as demonstraçoens mais distintas, que nenhum outro Monarca mereceo da Sé Apostolica: e assim he justo, que*

do REY Fidelissimo

5

que a falta de hum REY tão pio, tão Ecclesiastico, e tão favoravel á Igreja, e a seus Ministros, seja delles com a devida demonstração de sentimento lamentada.

Por cuja razão, louvamos muyto, que o nosso R. Cabido, e mais Clerigos deste nosso Bispado, antes de nossa ordem, pozessem fumos nos chapeos, e uzassem de fivellas, e çapatos de luto, para indece, e demonstração de huma mágoa tão universalmente sensível.

E como determinamos se celebrem as Reaes Exéquias na nossa Cathedral: para que estas se cumprão com a opportuna, e devida decencia, ordenamos, que todos os Clerigos de Ordens Sacras desta Cidade, e de huma légua em distancia, venhão com sobrepelizes na tarde do dia 4. de Setembro, e na manhã do seguinte dia assistir ás mesmas Exéquias, e sua Véspera: para o que lhes recômandamos toda a modéstia, e pacacidade, que esperamos practiquem em acto tão Catholico, pio, e sério, rezando attenta, e devotamente, e seguindo concordes o nosso Coro com pausa, sem causarem perturbação alguma. E assim igualmente exhortamos a todos os nossos amados súbditos seculares o necessario silencio, e devoção, evitando o escândalo de práticas improprias na caza de Deos, e no tempo da Oração, e Officios Divinos.

E todos os Ecclesiasticos, e Seculares, que se quizerem aproveitar terão Missas Geraes promptas nos Altares, que, além dos costumados, mandamos novamête para esta occasião erigir nos Claustros da nossa Cathedral. E para que a grande Alma do Serenissimo REY, tão especial bem feitor nosso, seja ajudada dos pios suffragios dos fieis, damos depreceyto os ditos dous dias de sexta feyra, e Sábado, 4 e 5. de Setembro, para que possa cada hum mais expeditamente dizer Missa, e ouvir as que pudér, deprecando a Deos pelo mesmo REY FIDELISSIMO defunto, que sempre nos conservou em tranquillidade de paz, quando toda a Europa experimentava os estragos da guerra.

Queremos dever a todos os Párochos de nossa Diocese, que, a exemplo nosso, fação nas suas Igrejas os devidos funeraes, e suffragios, ou ao menos, nas terras capitaes de suas povoaçoens, pela obrigação, em que estamos todos de encômendar a Deos Senhor N. as Pessoas da Familia Real. Tambem advertimos aos Juizes de nossos Coutos, e Honras, de que somos Donatario, não só concorraõ solememente ás Igrejas na quele dia, em que se fizerem as ditas Exéquias, mas tambem fação praticar nas pessoas de suas jurisdiçoens o lucto, conforme as ordens de S. Magestade; e a execução de todo o sobre-dito será muyto de nosso Pastoral agrado.

Ultimamente recômandamos a todos os Ecclesiasticos, ainda Regulares, e a todos os nossos súbditos Seculares, fação particulares deprecaçoens ao Om-

6 *Relação das funeraes Exéquias*

nipotente Senhor, para que se digne conservar a Magestade Fidelissima Reynante no espirito de bem governar-nos por dilatados annos. E mandamos a todos os Sacerdotes digaõ na Collecção da Missa = Regem Nostrum Fidelissimum Josephum, Reginas, & Principem, cum Prole Regia. = E damos a todos a nossa Paternal benção. Dada com sello de nossas Armas nos Paços do Prado aos 31. de Agosto de 1750.

Joseph Maria Bispo do Porto.

Lugar do Sello:

De mandado de S. Excellencia Reverendissima o P. Francisco da Costa, Escrivão da Camera a escrevi.

NO dia 3. se recolheo da sua caza de campo do Prado a esta Cidade o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo, para assistir nas mesmas Exéquias. Veyo com estado de luçto espectavel, por fúnebre, e igualmente grave: as carruagens, e cadeyrinha cobertas de baeta negra, com guarniçoens, e trancelins de garça, e laçadas de fumo, e com os varaes, e ferragens vernizadas de preto. Apeou-se á porta da Sé, onde entrou com hum grande cortejo de Nobreza, e com a numerosa cõmetiva de Capellaens, e criados graves, e inferiores, todos vestidos de luçto. Depoes que S. Excellencia Reverendissima miúdamente examinou se na fabrica do Maufoléo, e ornato da Igreja, e dos nóvos Altares, que mandou erigir estava tudo conforme as ordens, e direcção, que para tudo propriamente deira: se recolheo ao teu Palacio com o mesmo a companhamento.

No dia 4. principiaraõ a dobrar os sinos para as Vésperas das fúnebres Exéquias, que neste dia officiaõ os Reverendos Capitulares, com quatro Córos de Musica a mais excellente de instrumentos, e vozes, e com a assistencia da Cúria Episcopal, do Clero Secular, e Regular, dos Prelados Religiosos, do Senado da Camera, dos Governadores de Justiças, e Armas, dos mais Ministros, da Nobreza, e de innumeravel concurso de nacionaes, e estrangeyros; fazendo-se entaõ perciso, para melhor ordem, e para evitar confusaõ, o distribuirem-se Guardas de Soldados pelas portas da Igreja, e por outros sitios.

Desde o principio da manhã do dia 5. se disse grande numero de Missas, naõ só em todos os Altares desta Cathedral, que saõ muytos, mas tambem em mais 8. que S. Excellencia Reverendissima mandou erigir no Claustro para servirem na presente funcçam; e a esmola, que foy de duzentos, e quarenta reis, e huma véla, se satisfez promptamente por ordem do Excellentissimo, e Reverendissimo Prelado, que as tinha mandado pôr geraes.

geraes. Fes-se o Officio com extraordinaria magnificencia, como se observára nas Vesperas, assistindo todos os Reverendos Capitulares com as Capas, e mantos de cerimonia, como practicaõ nas funçoens funebres. Foy Orador o R. P. M. *Antonio de Santa Martha Lobo*, Conego da Cõgregaçã do Evangelista, Doutor, e Lente de Theologia, Examinador Synodal deste Bispaço, e Academico dos Arcades de Roma, bem conhecido pela sua grande literatura, e ellegante estylo; o qual fez huma differ-tissima declamação, com muytas, e ponderadas noticias das heroicas virtudes de S. Magestade, e com admiração dos ouvintes: tomou por thema as palavras do Cap. 1. de S. Joãõ: *Fuit homo Missus á Deo, cui nomen erat Joannes*. Como se vê a fol. Celebrou a Missa o R. Deão *Jerõnymo de Tavora, e Noronha*, Moço Fidalgo da Caza Real. Deraõ as cinco absolviçoens do Ritual, o mesmo celebrante, o R. *Chantre Fernando Barbosa de Albuquerque*, o R. *Mestre Escola Manoel Barbosa Bernardes*, o R. *Thesoureyro Mór Miguel da Costa Lima, e Mello*, Fidalgo da Caza de S. Magestade, e o R. *Arcediágo de Oliveyra Vicente Joseph de Freytas*. Distribuirã-se por todas as Dignidades, Cõnegos, Beneficiados, Clerigos, Religiosos, Musicos, &c. tochas, e vélas innumeraveis, em que profusamente se dispenderã muytas arrobas de cera. A assistencia, e concurso foy o mesmo, que no dia antecedente. Concorreo grande multidaõ de pobres ao Palacio de S. Excellencia, que a todos mandou soccorrer. S. Excellencia Reverendissima fez por esta occasiãõ alguns perdoens, e mercês; e com grande pezar nam assistio, aos actos, como dezejava, pela inopinada molestia, que lhe sobreveyo, por se lhe aggravar a ferida de hum pé, quando andou examinando o Mausoléo, e todo o mais apparato funebre da Igreja, que agora se segue descrever.

He esta Cathedral fabrica do Excelso Conde D. Henrique I. Fundador da Monarquia Portugueza, a qual foy sumptuosamente reedificada no eminente sitio, em que se acha, conservando ainda na mayor parte a sua antiga architectura. Foy enriquecida pelos Summos Pontifices, pelo mesmo étclarecido Cõde, por sua mulher a Rainha D. Tareja, por seu filho o Inviçto D. Affonso Henriques, e por outros Reys, e Rainhas liberalmente, com muytos Senhorios, Coutos, regalias, privilegios, e beneficios, que se inteiramente se conservassem, seria das Cathedraes mais famigeradas da Christandade. O Illustre Bispo D. Gonçalo de Moraes, pelos annos de 1610. lhe reedificou com magnificencia a amplissima Capella mór, guarnecida de mármores, que he das melhores da Hespanha; e hoje se acha mais ennobrecida com a riquissima estrutura do monte de ouro de seu retabolo, o qual com os das mais Capellas, com a Sachristia faxada

v
Pay do
^

8 *Relação das fúneraes Exéquias*

xada, finos grandes, tribunas, pinturas, e mais adornos ao moderno, se fizeram no tempo da ultima vacancia de Prelados ; dando a tudo mais alma o bom gosto das pinturas, que contêm invençoens arquitheticas, àureos ornamentos, figuras, e medalhas, pela arte, e idèa do perito *Nicolão Nazzoni*, Florentino.

He emnobrecida pelos inclytos Prelados, que lhe presidiraõ, famosos em santidade, letras, e virtudes, como foraõ S. Bazileo I. Bispo della, e Discipulo de S. Tiago, D. Sefnando, chamado o *Gasco*, que morreo martyrizado pelos Mouros, e outros muytos dos quaes, huns subiraõ a Dignidade de Primazes, e tres à de Cardeaes, em que entra o Eminentissimo Patriarca actual de Lisboa.

He illustrada com milagrosas reliquias, e Imagens, como saõ, a do Santo Crucifixo com o titulo de *Senhor d' Alèm*, por ser descoberto no monte de Quebrantoens, alèm do Douro, pelos annos de 1140, e a da Virgem **MARIA** com o titulo de *Senhora da SYLVA*, por ser achada em hum Silvado no tempo da Rainha D. Mafalda mulher do Serenissimo D. Afonso Henriques, em memoria de cuja devoçaõ, se denominaraõ as terras novamente reivindicadas aos Mouros, Terras de Santa Maria. O Corpo do Glórioso Martyr S. Pantaleaõ, Padroeyro desta Cidade, onde aportou pelos annos de 1453, e se acha depositado em huma precioza arca de prata, obra do memoravel Rey D. Manoel.

He de duas naves pelos lados, em cada hum dos quaes tem 5 columnas de estylo Góthico com capiteis dourados, e adornos da ordem composta : tres Altares, e duas portadas, como se vê na estampa fol. O Cruzeyro tem seis Altares; quatro delles saõ os collateraes, em que entra o da riquissima Capella do Santissimo, com sette a lampadas, frontal, tribuna, e retabolo de prata maciça, com molduras da mayor perfeçãõ da arte. A planta he de Cruz Latina: tem de comprimento, desde a porta principal até o Altar mór, 274. palmos, e de largura, no corpo da Igreja, 67. palmos, e no Cruzeyro 133. palmos, que he o comprimento delle.

A sua faxada, ou frontespicio he adornado de varias estatuas, figuras, e ornamentos modernos, para formozear a sua antiga fórma. Aqui se compòz hum lutuozo pavilham, de que pendiam altas cortinas de baeta negra, debayxo de cujas sanefas, e por cima da porta estava hũ grande quadro de vinte palmos de alto, e outros tantos de largo: nelle declaro escuro, como se manifesta da estampa do principio, se via a figura da Fama, publicando à posteridade em sua trompa as virtudes do **REY FIDELISSIMO**, digno de eterna memoria, como persuadia, naõ só o escudo de suas armas com a órla do circulo serpentino, e esferico, symbolo da eter-

eternidade, mas tambem com a inscripção, que mostrava hum Genio em grandes caractéres na fórma seguinte :

INGREDERE

VIATOR:

SPECTA

FIDELISSIMI JOANNIS V.

REGIUM SPLENDOREM,

IN OCCASU,

THRONUM AUREUM

INMARMOREO TUMULO.

IBIDEM,

HUMANARUM RERUM VICISSITUDINEM

COGITA.

DEINDE,

AD ARAS ACCEDE;

PRECES ADHIBE PRO EJUS ANIMA.

DENIQUE,

EGREDERE IN PACE;

SED

SISTE FLETUM:

NAM

VIRTUTUM FAMA ULCISCITUR MORTEM;

ET TANTUM REGEM ÆTERNUM SERVABIT.

NO meyo do Cruzeyro, e no pavimento opposto á clarabøya, ecúpula, se erigio huma sublime, e protentoza máquina ao estylo Roma-

10 *Relação das fúneraes Exéquias*

no com similhaças de Obelisco, em figura ovada, circular, e centinada, de diferentes mármore, pórfidos, jaspes, e outras pedras fingidas com arteficio, e pintura de cores proporcionadas ao lúgubre Monumento, que representavam; fazendo hum admiravel todo, a que dava alma a multiplicidade dos ornamentos de estátuas, luzes, tocheiras, e outras primorosas guarniçoens, esqueletos, tarjetas, festoens, serpentinas, e floreoens dourados, tudo disposto com ingeniosa symetria, como se vê na estampa da perspectiva exterior fol. ainda que nella não vão todos os adornos, e luzes, para melhor percepção do elegãte dizinho deste maravilhoso Mauzoléo.

A sua elevação era de mais de 50 palmos, quanto permittia a altura do tecto no sitio, em que se pôz o Docél: dividia-se todo o composto em cinco partes, que descrevo especificamente, para melhor comprehensam dos curiosos.

A primeira parte, cuja planta offereço na estampa fol. tinha oito palmos, e meyo de altura, e setenta, e seis de circumferencia; e servindo de pedestal a toda a máquina, assentava em dous de grãos de marmore alvadio com suas vêas, por não dár o sitio lugar a mais: tinha as faces de marmore verde escuro, e antigo, e a que assentava nos de grãos, era de marmore negro com vêas: as cornijas, eraõ de pórfido vermelho escuro com golas douradas, e os adornos em volta eram festoens de metal dourado, cáveyras coroadas, e com azas em relevo de ouro, &c. Estava illuminada com grande numero de cirios em tocheyras de prata.

Na face exterior desta primeira parte, se fez com pintura de claro escuro hum bayxo relêvo fingido, guarnecido de molduras douradas, no qual se via a figura da Lusitania em hum magestoso throno, assistida do Conselho, da Prudencia, de Minerva, de Hercules, e de huma numerosa guarda de signíferos, liçtores, e Archeyros com suas insignias, tudo em demonstraçam do valor, soberania, e sabia politica; com que foy regida a Monarquia Portugueza no feliz reynado da Magestade defunta. Jaziam ao pè do mesmo throno as quatro partes do Mundo afflictas pelas guerras, com que se viaõ destruidas: a Europa nimiamente angustiada, e opprimida, por ser a que tem experimentado o mayor damno: a Azia perturbada, como negando os feudos, e repugnãdo os ductos do seu thuribulo: a Africa nua, e verdenegra abundando de escorpioens, e animaes venenosos, e carecendo dos copiosos fructos da sua cornucopia; e a America obscura, melancólica, fúnebre, e fatigada.

Em o segundo plano, se viaõ de frente do throno a Paz, e a Concordia, como fugitivas de todas as mais Provincias do Mundo, e procurãdo o unico azylo, e refugio na Lusitania. Esta, em final de as receber nos seus dominios,

minios, estendia o braço prometendo-lhes todo o apoio, e amparo com o concurso do Valor, Prudencia, Riqueza, Poder, e Soberania, que todos estavaõ presentes, e promptos para sustentar a mesma Paz.

No outro lado do mesmo bayxo relêvo, se via a figura da Custodia em acto de observaçam, e de defeza, armada de elmo, escudo, e massa, junto de huma pedra quadrada com o caducêo de Mercurio, em significação de estabilidade, e permanencia, defendendo, e guardando a Paz na Lusitania de todas as perturbaçoens bellicas das mais Potencias, symbolizadas em diversas figuras de animaes, a saber, hum Cavallo, em que a Italia se significa, devorado por hum Leão, figura da Hespanha, contra o qual ouzadamente acomettia huma Aguia, jeroglifico do Imperio Germanico. Tambem se via a figura do rio Pò (com a cabeça de Touro, em que se costuma significar) do qual se ajudava o Leam para esta pugna em demonstraçam, de que pela passagem, que os Hespanhoes fizeram no dito rio, se travaram as guerras na Italia. Via-se tambem ao longe a Igreja de S. Pedro com chamas, e lavaredas de fogo, e mais perto a figura de Roma lastimosa, com varias riquezas Sagradas lançadas por terra, denotando assim os gravissimos damnos, que padeceram os Estados da Igreja por causa das mesmas guerras da Italia. Todas estas brigas, discordias, e contendas estava observando hum impávido, e animoso Drago, symbolo da Lusitania, sem perturbaçam alguma, antes com todo o socego dograva os influxos da pacifica Deidade, que na Lusitania veyo buscar domicilio.

Divisava-se a implacavel Bellona com a sua facha, em companhia da Morte, que pretendiam vir extrahir a Paz do dominio da Lusitania; porêm o Valor, armado de elmo (e nelle hum Ouriço, ou Herinaceo, pelo qual se significa a defeza nos ultimos perigos) em punhando a espada, as fazia retirar, como tudo melhor se manifesta na estampa fol.

A segunda parte era de forma quadrada, fazendo hum grande focco de seis palmos, e meyo de altura, com sua cornija de pórfido vermelho e tucuro, com as faces de marmore amarelo antigo, e com os espelhos de pórfido verde. Era menos ornado na face exterior, para servir de campo a duas estatuas, de que logo fallarêmos; porêm nos flancos, e lados serviaõ de ornamento, serpentinas douradas, caveyras em relevo de ouro, e varias luzes nas mesmas serpentinas, e em muytos castiçaes de prata. Das estatuas, huma era a figura da Paz de marmore branco, coroada de espigas, em habito succinto, como fugitiva de outros Paizes; e offerecendo hum ramo de Oliveyra, estava dando a mão á outra estatua da mesma materia, que, armada de lança, e escudo com as Armas de Portugal, representava a Lusitania: estava esta com clâmyde, ou habito militar, com elmo guar-

necido

12 *Relação das fúneraes Exéquias*

necido de huma coroa de triumphantes louros, e com o peyto armado de escamas, ligadas com viboras, e tambem com a cabeça de Meduza: finalmente offerecia a sua dextra á mesma Paz, em acto grave, sobre a Ara de hum Trípode, firmando pacto de inviolavel uniam. No Trípode da mesma Ara ardiam alguns arômas, que exhalavam fumos odoríferos, e faziam o acto mais grave, e magestozo. As referidas estatuas assentavam no pedestal, de que se compunha a primeyra parte do Mauzoléo, da qual acima se fez mençam, e cada huma tinha 8. palmos, e meyo de altura.

A terceyra parte fazia outro pedestal de forma quadrada centinada com nove palmos, e hum quarto de altura: era de marmore pardo sobre o cinzento com vèas; e se sustentava em quatro pés com feitio de garras de Leaõ, as quaes, elevando-se pelos angulos, se transformavam com primoroso capricho da arte em azas, que davam hum vistozo, e elegante ornamento, e terminavam em caudas enroscadas: sua grande cornija era de pórfido vermelho escuro, no meyo do qual, pela face exterior, estava huma Caveyra coroada, e com azas, de cujos lados desciam festoens de louro, e de carvalho de relêvo, que, prezos nas faces do mesmo pedestal, tornavam a cahir, fazendo hum vago ornamento, e triumphante adorno á pedra de marmore negro, que guarneciam, e em que estava gravado o epithafio, aqual pedra tinha sua cornija. Nos flancos tinha varias entalhas com as Cruzes das Tres Ordens Militares de Christo, S. Thiago; e Aviz, de que S. Magestade era Grã Mestre. Todos estes adornos, e guarniçõens das garras de Leam, azas, caudas, serpentinhas, caveyras, festoens, cornijas, entalhas, letras do epithafio, &c. eram dourados. O epithafio em grandes, e maiusculos caractéres, era o seguinte:



D. O. M.

JOANNES V.

PORTUGAL; ALGARB; ETC.

REX FIDELISSIMUS,

MAGNANIMUS,

AUGUSTUS, OPTIMUS MAXIMUS,

RELIGIOSUS,

PACIFICUS, TRIUMPHATOR,

SCIENTIARUM PROTECTOR;

FIDEI, ET ECCLESIAE PROPUGNATOR;

POPULORUM DELICIAE,

ATQUE

PATRIÆ PATER,

OMNIUM DOLORE, SUSPIRIIS, ET LACRYMIS,

OBIIT DIE XXXI. JUL. ANNO SALUT. MDCCL.

ÆTATIS SUE LXI. NON DUM ADIMPLETO,

IN PACIS REQUIE VIXIT.

VIVAT, ET REQUIESCAT IN PACE: AMEN.

A Quarta parte formava hum plinto de quasi dous palmos de altura; era de mármore verde antigo com rozas, e florens de ouro; e servia de baze á grande urna.

A quinta parte, que era a ultima deste admiravel artefacto, consistia em huma grande urna depórfido vermelho escuro, e debelissima forma ao antigo estylo Romano: tinha oito palmos, e meio de altura, e por ornatos, á cornija, e cabeças de Leão, de cujas boccas sahiaõ as argóllas, tudo dourado; alem do que, lhe serviraõ tambem de rico adorno quatro serpentina douradas de cinco lumes cada huma, com outras muytas luzes, que circulavaõ a mesma urna, e assentavaõ sobre a baze, que o plinto for-

14 *Relação das funerães Exéquias*

mava; no qual tambem estava hum grande esquelêto dourado, e de nove palmos de altura, que sustentando na esquerda hum relógio, lançava a mão direyta sobre a urna, e com ella pegava no retrato da defunta Magestade. Na mesma baze se via a Real coroa fechada, e o sceptro proximo aos pés da morte.

Adita urna estava em parte coberta com hum panno de veludo franjado de ouro, que por arteficio ingenioso, parecia negligente; porque, sem embarçar a percepçãõ do admiravel feitiço da mesma urna, não só indicava necessaria decencia ao Regio cadaver, mas tambem servia de campo ao pavoroso esquelêto. O retrato da defunta Magestade desempenhava o mayor primor da arte; por ser, ainda q̃ declaro escuro, cópia tão singular, q̃ representando verdadeyramente o Augusto original, renovava nos coraçõens a sentidissima afflição da saudade: era de meyo corpo em huma grande medalha com cayxilho dourado, e tinha seis palmos de altura. Junto á mesma effigie se via hum Genio de mármore branco, deplorando a lamentavel morte do Augustissimo Heroe, e a pagando huma facha, em que a sua vida se symbolizava.

Na face posterior, que olhava para a Capella Mayor, e na primeyra parte do Mauzoléo se deixava ver hum fingido bayxo relêvo com pintura declaro escuro, no qual estavam muytas peças, instrumentos, e vasos Sagrados pertencentes ao ministerio Ecclesiastico, e ao Culto Divino (virtude muyto particular de S. Magestade) como melhor se manifesta na estampa fol.

Na segunda parte do mesmo artefacto pela face posterior estavaõ duas estatuas de mármore branco; huma da Fê, sustentava respeitoza no braço direyto o Caliz, e Hostia, com que se figura; e a outra, que estava na parte esquerda, era a Justiça, que regia o fiel de suas iguaes balanças: tinha cada huma destas estatuas oito palmos, e meyo de altura, assim como as da face exterior já descriptas: e as presentes, de que aqui se faz menção, melhor se demonstraõ na estampa fol.

Na terceyra parte, e na face posterior da do epitaphio, em que se viaõ semelhantes ornamentos, se deyxava ler em marmore negro com grandes caractêres de ouro a seguinte inscripção.



JOSEPHUS

MARIA

DA

FONSEC. E EVOR.

EPISCOP. PORTUCALENS.

TANTI PRINCIPIS,

TANTIQUE

BENEFACTORIS

JACTURAM LAMENTANS,

ET

ABSENTIÆ TORMENTUM DOLENS,

(AD HUMANÆ CONDITIONIS DOCUMENTUM;

AD GRATITUDINIS PERPETUAM RECORDATIONEM,

TOTIUS CLERI, CIVIUMQUE FREQUENTIA)

LACRYMAS, ORATIONES, SACRIFICIA,

FUNERIS HONORES, ET HOC MONUMENTUM

POSUIT, DEDICAVIT, VOVIT.

PELA mesma face posterior tinha a medalha a perspectiva da Magnifica Igreja de Mafra, oitava maravilha dos nossos tempos, e Empreza competente à inimitavel grandeza de hum *D. JOAM OV.* que está em Gloria. Coroava-se todo este protentoso Artefacto, com hum grande parino, ou pavilhão de lucto, que formava hum elegante Baldaquino o qual com admiravel arteficio, e naturalidade se sustentava no Ar por seis Anjos, e delle pendiaõ para os quatro pilastros dos angulos grandes cortinas, tudo franjado, e agaloado de ouro.

A armaçaõ, e apparatus de toda a Igreja foy com a dorno, e composiçaõ taõ artificiosa, que igualmente denotava; assim a tristeza do espectáculo, como a execuçaõ do melhor primor da arte. A grande Capella Mayor se via toda coberta de lucto, ao qual serviaõ de caprichozo ornamento

duas

16 *Relação das funerâes Exéquias*

duas magnificas columnas douradas, e alguns florens do retabolo, que por estudo senam cubrião: as janelas, e Tribunas tinhaõ suas cortinas, e sanefas pretas passamanadas com galoens de ouro; e estava a cousa mais respectiva, e magestoza, que se pôde considerar, por naõ caber nos limites da expressãõ. Do Altar se elevava hum grande Crucifixo em humia Cruz de mais de trinta palmos de altura, cuja prodigiosa Imagem conciliava o mayor respeyto, e devoçam.

Todas as mais Capellas, e Altares do Cruzeyro, do corpo da Igreja, e do Claustro; todos os arcos, columnas, tribunas, e janelas estavaõ adornadas de luçto, e este guarnecido de franjoens de ouro, e prata, e de galoês, tarjas, meyo esquelêtos de relevo, entalhas, florens, e capiteis dourados, que tudo, pelo exquisito modo do enlaçado, e do crespo do mesmo luçto, demonstrava, que todo o apparatus fúnebre se suavizava com a industriosa perfeçãõ do adorno. No meyo de cada arco se via pendente hum grande lampadario dourado, e com numerosas luzes: em alguns dos pilastros, e columnas se viaõ tambem tarjetas de entalha dourada, em cada huma das quaes estava pendente a Cruz das Tres Ordens Militares do Reyno: nas mais columnas pendiaõ tarjas de claro escuro com emblêmas alluzivos ao Real Genio do defunto Heroe, como se deyxar na estampa fol.

A primeyra tarja tinha hum rio; fonte no lugar de seu nascimento, mas muy copioso na distancia, em que se mettia no Oceano, significando o augmento da Monarquia Lusitana desde o principio do feliz Reynado do *REY FIDELISSIMO* até o tempo de sua lamentavel morte, a que dava alma a letra: *Quo longius, eo latius.*

A segunda tarja tinha huma Basilica com as chaves Pontificias por divisa, e defendendo-lhe a entrada o animal, em que a Fidelidade se symboliza, com a letra: *Incorruptâ Fide*, para significar o zelo, e Fidelidade da Magestade defunta a respeyto da Igreja Catholica Romana, em cuja defenta fez muy consideraveis serviços; pela esquadra naval, que mandou a Corfú, merecendo da mesma Igreja a antonomastica, *nomen clatura de FIDELISSIMO.*

Na terçeyra se divisava huma Pomba a cautelando-se das obscuras nuvens, em que vinha encuberta hum Ave de rapina, manifestando a vigilancia de S. Magestade em conservar a Pureza da Religiaõ Catholica das sombras da Herezia, e de seus sequazes, com a letra: *Umbras cavet.*

Na quarta se deixava ver a Arca *Fæderis* com a letra: *Non nummis, sed Numini*, para fazer patente, que a liberalidade generosa de S. Magestade se exercitava mais prodigamente nos dispendios do Divino Culto.

A quinta continha figurado hum Unicornio, o qual mettia a sua ponta em

em hum lago, cujas agoas purificava, para dellas se aproveitar toda aqua-
lidade de animaes, com a letra: *Fovet extraneos*; manifestando a Real
grandeza da beneficencia de S. Magestade proficua, e transcendente, assim
pelos naturaes, como pelos Estrangeyros.

Finalmente na sexta se ostentava hum Lynce com sua perspicaz vista, e
com a letra: *Nullius pavet occursum*; para significar, que as próvidas idé-
as, e agudas Maximas de governo do mesmo Serenissimo Monarca, sem-
pre com felicidade de seus vassallos, se executáraõ, naõ obstando quaes-
quer contrarios projectos das mais Potencias: e porisso, a pezar de muitas,
conservou sempre em Paz a sua Augusta Monarquia.

Estes saõ, ingenuamente narrados, os fieys testemunhos da gratidaõ, e
vivo sentimento do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo do
Porto; bem qualificado, assim com os Sacrificios, com que ajudou a
grande Alma de S. *MAGESTADE FIDELISSIMA*, como com
o melancólico pezar, em que o mesmo Excellentissimo Prelado foy visto
na pôderação da infauστα perda do seu Regio, Soberano, e mayor Mecê-
nas. Se bem que taõ a ventajadas demonstracçoens de magoa em S. Ex-
cellencia, naõ só conciliaram a mayor attenção dos nacionaes, mas tam-
bem motivaraõ admiracão manifesta aos Estrangeyros, que concurrêraõ,
e habitaõ esta populosa Cidade, em que já mais se vio taõ magestoso ap-
parato, a que a grandeza do animo de S. Excellencia Reverendissima ac-
cumularia perfeicão a mais ultimada, se o naõ impedissem as angustias do
tempo, coarctado pela pressa, com q se avisinhou a devida demonstraçãõ
de júbilo, pela feliz Acclamação da Magestade Augustissima Reynante.

Com exemplo tanto, competiraõ todas as Communidades na funeral
pompa de magnificos, e sumptuosos Mausoléos, na generosa piedade de
multiplicados suffragios, e no devído empenho de eloquẽtissimos Orado-
res; distinguindo-se entre os mais, os Reverendos Padres da Sagrada Cõ-
panhia de JESUS, da Congregaçãõ do Evangelista, e da Ordem Serafica
de S. Francisco; as Religiosas Benedictinas, as Ordens Terceyras, Fran-
ciscana, e Dominicana, e os Militares da Guarniçaõ desta Cidade.

Para o descripto fúnebre espectaculo desta Santa Igreja Cathedral
(em tudo, e por tudo executado pela experiente direcção, e discreto ar-
bitrio, que costuma o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo)
foraõ occupados primorosos Artifices da melhor nota. O dezenho do
magnifico Mausoléo, o bayxo relêvo da face exterior, as estatuas, e o re-
trato, da Magestade foy composiçãõ admiravel do Ingeniosissimo *João
Glama Stróberlle* Lisbonense, Academico dos Arcades de Roma com o
nome de *Telearco Alessiano*, que concorrendo na Insigne Academia de

18 *Relação das funerães Exéquias*

S. Lucas no anno de 1739. mereceo prémio da primeyra classe na quela Cidade, em que foy muytos annos pensionario dos Ministros Regios desta Coroa. Os mármorez, pórfidos, bayxo relêvo da face posterior, e pintura dos emblemas foy tudo com rara perfeição executado pelo perito *João Domingos Strada* Alemaõ, actualmente da Familia de S. Excellencia Reverendissima. A armaçãõ, e apparatus, foy pela curiosa disposiçãõ do activo, e hábil *Petronio Mazzoni* Bolonhêz, tambem da Familia do Excellentissimo Senhor Bispo; o qual sómente experimentou menor dezempenho assim na invençãõ dos emblemas, e das inscripçoens já referidas, como nesta Relaçãõ fúnebre; porque necessitava de talento mais relevante, e oportuno, que o meu.



ORA-



THE
D. D. D.
A. JOSEPH
B. A. JOSEPH
C. A. JOSEPH
D. A. JOSEPH
E. A. JOSEPH
F. A. JOSEPH
G. A. JOSEPH
H. A. JOSEPH
I. A. JOSEPH
K. A. JOSEPH
L. A. JOSEPH
M. A. JOSEPH
N. A. JOSEPH
O. A. JOSEPH
P. A. JOSEPH
Q. A. JOSEPH
R. A. JOSEPH
S. A. JOSEPH
T. A. JOSEPH
U. A. JOSEPH
V. A. JOSEPH
W. A. JOSEPH
X. A. JOSEPH
Y. A. JOSEPH
Z. A. JOSEPH



Excell.^{mo} ac R.^{mo} D. D.
 Fr. JOSEPHO Maria de Fonseca Evora, Ex generali Minorum
 observantissimo, Prelato Domestico, et Assistenti S^olito Pontificio dignissi-
 mo, Insignis Collegiatae S. Martini Citojactensis Commendatario, Fe-
 rreirense Monasterii D. Priori, atque Ecclesia S. Crucis de Maya
 D. Abbati, Vectigalium Cujyce Civitatis Donatario, Domino Asy-
 lorum de Campanham, Paranhos, Loris, Crestuma, Fer-
 reira de Regoa, et S. Doadami, à Consiliis Regie Maje-
 statis, ac Cujus Portuensis Diocesis Episcopo Vigilanti-
 ssimo.

Bernardo dos Santos a Les

O R A Ç A Õ
F U N E B R E , H I S T O R I C A ,

E

P A N E G Y R I C A ,

R E C I T A D A

Nas Solemnissimas Exéquias, que na morte

D O

F I D E L I S S I M O R E Y ,

E S E N H O R

D. J O A Õ V.

D E

P O R T U G A L ,

DE SAUDOZA, E ETERNA RECORDAÇAM,

C E L E B R O U

O Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Evora, do Conselho de S. Magestade, Ex-Geral dos Menores, Assistente do Sòlio de S. Santidade, Bispo do Porto, &c. &c.

Na Santa Igreja Cathedral em 5. de Setembro de 1750.

PELO PADRE MESTRE DOUTOR

ANTONIO DE S. MARTHA LOBO,

Conego Secular da Congregação de S. Joaõ Evangelista, Lente de Theologia, e Doutor pela Universidade de Coimbra, Examinador Synodal deste Bispado do Porto, e Academico dos Arcades de Roma.



*Fuit Homo missus à Deo, cui nomen
erat Joannes.* S. Joann. Cap. I.



VENHO DECLAMAR NAS HONRAS FUNERAES, que à eterna memoria do muito Augusto REY, e Senhor D. JOAM V. de Portugal dedica a justa saudade do Senhor Bispo do Porto D. Fr. Joseph Maria da Fonseca, e Evora nesta sua Cathedral. Mas antes de levãtar os olhos para esse sepulchro apparatuso, aonde se figura em vulto taõ fatal successo, trago a memoria occupada de huma circumstancia, que para o sentimento, ainda agrava mais o cazo, e he a antecipada debilidade, que nas vozes, e articuladas expressoens de taõ incomparavel Prelado, chora a eloquencia, lamenta a erudição, sente a historia, e experimenta magoado todo Portugal. Oh Ceos! Se havieis permitir na falta do nosso *Fidelissimo Monarca* taõ inconsolavel perda, para que destes licença ao achaque, que debilitasse taõ eloquente, e poderosa lingua? Duas vezes sobejará agora a dor a todo o alivio, por maior, e por falta de explicação. Tú mesma, ó atrevida morte, disfarçada ainda nos affaltos de accidente, quando a cometeste tanta Magestade em Julho de 1747. julgo, que ouviriás, ainda entre a inflexibilidade de teu inexoravel throno, aquella devota, e magnifica Acção de graças, que o nosso Excellentissimo Prelado nesta mesma Cathedral dedicou a Deos N. Senhor em pública, e eloquente Homilia, pela milagrosa saude, com que de ti triumphou o mesmo Augusto Rey. Ora eu creyo, que entaõ foy o favor do Ceo quem te frustrou o golpe; mas contemplo, que a poderosa energia, e elegante efficacia de suas vozes, em que te accusava o insulto, te deixaraõ taõ affustada, que trémula a maõ no sobrefalto do respeito, se te naõ cahio a fouce, ao menos naõ atinaste por hũ pouco a dár o golpe. Os ares, feridos de estrondozas vozes, desvanecem as nuvens, em que os gróssos vapores se constipaõ rayos. Soaraõ as eloquentes vozes na esfêra de teu tenebroso domicilio, e animados com os seus éccos os clarins da Fama, desfizeraõ a nuvem, em que embebido o rayo da tua precipitada furia ameaçava a vida de taõ incomparavel

comparavel Monarca: esperaste, porém, que se suspendessem as vozes para obrar tanto de zatinho, temeroza, sem duvida; do açoute da reprehensão: se ouviras o Oraculo não obraras o insulto; mas es comparada ao ladrão, que espera o silencio; para obrar a torpeza do delicto.

Porém o mesmo Excellentissimo Prelado, que então na melhora de S. Magestade ostetou a sua sagrada erudição, e piedade, para dedicar a Deos as graças; agora, para recuperar a ruina da morte, dezafla a sua grandeza, e ternura na magestóza pompa destas honras funeraes. Abrirey agora os olhos, e ainda a bocca para, á vista deste Soberano Mausoléo, dizer a esse desvanecido Gentilismo, que não falle já na quelles milagres da architectura, a que a fama chamou maravilhas do Mundo: e que competencia he esta da arte com a morte, que quando esta derriba, aquella edifica? Quem deo idéas à industria para erigir pompas, sem mais exemplar, que huma ruina? Mas oh, que he tão admiravel composto, o da Magestade, que para representar grandezas, bastaõ-lhe os residuos do estrago! Menos, que estrellas, não são os fragmentos da luz do Sol: as porçoens do diamante, ainda quebradas, são preciozidades. Mas que intenta a architectura em construir Obeliscos, se no mayor aparato dà mais vulto á perda? Para que se cançou o pincel em mentir marmores, e pórfidos, se a verdade do estrago não admitte cores? Que fatalidade de destino foy esta, que havendo o Excellentissimo Prelado de representar no Porto memorias da grande Roma, lhe delineou na idéa Roma antiga, e o esqueceo de Roma nova? Deixareis, Excellentissimo Senhor, para a memoravel ambiçam dos Romanos a cançada diligencia de antiguar a sua Roma com os Obeliscos, com as pyrâmides, e com os Mauzóleos; e a trazeres da quella capital do Mundo algũs desenhos fora o milagroso modelo da quella Livraria, obra tão famoza, que para se inculcar incomparavel, basta dizer-se, que foy delineada pela vossa idéa, e pelo beneplacito do nosso defunto Monarca: fora o artificiozo risco do monte Parnazo, que para as Academias dos Pastores de Arcadia erigio o vosso engenho, como socio, e fundou o mesmo Monarca, como Protector, aonde, melhor que no Pindo, em cada Muza corre hũa Hippocrene, e com mais honra, que em Amphrizo, são Apollos os Pastores. Estes desenhos sim, que nas fachadas dos Pórticos nos retratariam ao Senhor D. JOAM V. tanto ao vivo, que em recíproco dispendio elle, e a arte parece estaõ repartindo a Magestade.

Com tudo, estes suffragios da architectura se foraõ supersticiosos para os Mausoleos para os Constancios, e para os Ninos, estam há muyto tempo Christianizados pelos Jeronymos, Ambrozios, Nazianzenos, e Bernardos; e assim, com próvida reflexão, vos accommodaes, Senhor, aos tempos. De-

poes de cahir o principal edificio, sómēte se a montóam os marmores, altos sim, porq̄ por elles sóbe a morte abuscar cinzas ao throno, mas sem mais li-
 niamēto, q̄ o de hũa Urna, para q̄ se vistam os olhos do mesmo horror, q̄
 occupa o coraçam. Esta he a architectura, aq̄ nesta occasiam se póde ex-
 tender a humana grandeza, e assim se dezempenha até o Carácter Pontifi-
 cio. Ao entrar no templo o Pontifice Aarám, levava nas fimbrias da ves-
 te Sacerdotal pingentes de jacinto com esmalte de púrpora, em fórma
 de romans, e joyas de ouro em figura de campainhas: (1.) competia ao
 Poutifice o animar com o movimento a quellas lingoas de fino metal,
 que davam clamores entre o fatal destino das romans: (2.) de coroa ador-
 nou a natureza a este pomio; e ao ver o advertido Pontifice as coroas in-
 clinadas para a terra, naõ podiaõ deixar de figurar-lhe as Exéquias nos gol-
 pes de internecidos metaes. Tambem ao vosso mando, como Aarám,
 Pontifice desta Cathedral, se movem os bronzes nas torres, quando ve-
 des a melhor Coroa cahida no sepulchro; e para mayor apparatus, a vosso
 mando se escutam os armoniozos, ainda que fúnebres lamentos, nos Có-
 ros; se leem os caracteres dessas eloquentes inscripçoens; e por preceito
 vosso, até se ouvira neste lugar a minha tosca, e humilde voz.

(1.)
 Deorsũ
 verò, ad
 pedes e-
 jusdem
 tunica...
 quasi
 mala pu-
 nica fa-
 cies, ex
 byacin-
 tho, &
 purpura
 ... mix-
 tis in
 medio
 tintina-
 bulis.
 Exod. c.
 28. v. 33.
 (2.)
 Ut audi-
 atur. so-
 nitus
 quando
 ingredi-
 tur, &
 egredie-
 tur San-
 ctuariũ.
 Ibi v. 35.
 (3.)
 As figu-
 ras, de q̄
 aqui se
 faz mē-
 saõ, esta-
 vaõ na
 parte
 superior
 da Eça.

Mas oh! Se o sentimento, assim como he ruídozo, fora expressivo! Pou-
 cas frases rezervou a Rhetorica para as suas explicaçoēs. Libitina, Deosa
 do pezar, fechava a bocca com os dedos. Na arte de bem fallar, pezares ha
 mais estatuas do que figuras. A mesma natureza, querendo historiar hũa
 vez a tragedia de Jacintho, escreveu-lhe sómente Ays nas folhas. Dicta o
 sentimento novas leys á locuçam, em q̄ os syncopes sam os hyperboles.
 Mas escutay, Senhores, que como quem me constituio Declamador, me
 dispöz o theatro, fallarei cõforme as figuras desta luctuosa Scena: (3.) e as-
 sim, advertindo no regulado movimento com que esse esqueleto méde o
 tempo, no soberbo orgulho com que opprime aquelle retrato, e declinan-
 do a vista para o pranto daquelle Genio, sufocando a luz de huma tocha
 na materia dos proprios incendios, contemplo, que entre o horrorozo si-
 lencio da Urna nos propoem em acçoens mudas, nam só o objecto, mas
 tambem a idéa desta funebre Oraçam.

Se algum homem se póde achar entre a collecçam dos Heróes, verda-
 deyramente grande, que como exemplar encha as medidas de huma pro-
 fusa idéa, em que o pincél da eloquencia nos retrate ao noster Monarca, e
 Senhor **D. JOAM V. DE SAUDOZA MEMORIA**, he aquelle ho-
 mem, nam só grande, mas o mayor, tambem de geraçam Real, fidelissi-
 mo testemunho de Deos, e concedido ao mundo entre os incenços do
 Altar, o grande, e sagrado Precursor; aquem o meu Evangelista, para a-

justar

justar a angustia, e sou verdadeiramente homem mandado por Deos, e tambem com o nome de *JOAM*: *Fuit Homo Missus à Deo*, cui nomen erat *Joannes*. Nam sou eu o primeyro, aquem occorre a imitação, quando consta que já o Oraculo da Igreja lhe fez o paralelo, appropriando ao Senhor *D. JOAM V.* o titulo de *Mayor entre os nascidos*. Oh imitação inteiramente glorioza, senam fora a fatalidade de ser agora a morte, a que regula as proporçoens! *Fuit Homo*: houve hum homem, o qual foy, e não he, porque já morreu. Isso quer dizer, na fraze de S. Cyrillo, o Evangelista: (1.) *De Joanne agens, qui... jam defunctus erat, ponit verbum fuit, quod significat, rem præterisse*. Esta he a clausula, com que a morte se introduz Interlocutora, já medindo os tempos no seu relógio, já estendêdo agadanhada como Authora do estrago. *Missus à Deo*: foy mādado por Deos; porque, ainda que Deos seja o que manda os Reys, e reparte os Imperios, a quelle de quẽ falla o Evangelista, foi mandado como dom especial; (2.) porque diz Ruperto, que logo desde a puericia, se dedicou aos Sagrados Cultos, nam se apartādo da presença de Deos: (3.) *A puericia antefaciam Domini cucurrit*. Este he o período, com q̃ aquelle retrato nos pinta nas attēçoēs, nam só o aspecto, mas o genio do frequēte emprego do seu Original! (3.) *Cui nomen erat Joannes*: era *JOAM* luz, que, resplandecendo, se consumio: (4.) *Erat lucerna ardens, & lucens*; e este he o argumento, com que aquelle Genio nos propoem huma tocha apagada na sua mesma profuzam. Ora principiem já as minhas vozes como interpretes do que essa Urna enculca entre mudos horrores.

Fuit: foy, e nam he ja. Com que vaidade o està dizendo a morte, e com q̃ magoa o escuta a nossa saudade! Mas sirva-nos de dezafogo; q̃ que assim paga o tributo à morte, tãbem não fica devendo nada à fama; porque o Heróe satisfaz com deyxar memoria de que viveo: mōve sim a morte a roda do tempo, mas se por huma parte sepulta, por outro lado levanta: enterram-se os sogeytos grandes, e vay sahindo a sua fama. Mas se o sentimento nos deyxasse acordo, podiamos reclamar a injustiça, com que a morte arrogou para si o preterito, sendo que a vida de tam incomparavel Monarca era digna de todos os tempos. Portugal, já que a idéa te encostou a essa Urna em vulto, communique-te agora espiritos o sentimento: sobe ao alto desse Obelisco a dezarmar a gadanha desse esquelêto inexoravel: costumado estàs acrear Heróes, aquem respeytaram os perigos, aquem obedeceram os elementos, e em quem poder nam teve a morte: a tua espada foy sempre arbitra das vidas, o teu nome émulo da eternidade; poes como consentes, que do teu REY, o mayor dos teus Heróes, diga a morte, que foy, porque morreu? Vós, ó Pacifica Divindade, com que

que certeza estaes jurando paz ao Reyno, (1.) quando a morte fulmina a maior inquietaçam aos vassallos? Que funesto sacrificio ardéo nesse Tripode, que consumio a victima, e o simulacro? He por ventura justiça, ó igual Astrèa, (2.) que a morte aballe o braço, e que pezeis merecimentos? Faltando o fiel como ficaram as balanças iguaes? E vóz, ó fundamento das virtudes todas, a que excessso podereis subir, se entre os fieis, vos falta o superlativo? Como permitis, que falte a vida a hum Monarca, que em tantas obras de Religiam vos fez Fé viva? Mas para que he pôr em campo as virtudes? Digamos à morte, que se explique, que ella mesma desculpará o insulto, e consolará a nossa saudade.

Foy, ou morreu o Senhor D. JOAM V. como homem: Ora exahitendes o mesmo estatuto privilegio, a mesma penção immuidade: morreu para acabar de ser mortal; por ser homem acaba; o ser humano o eterniza. Oh indulto da sua Real benevolencia, aonde o ser humano he credito de immortal! Aquella Augusta Magestade, dada a beber nas moderadas luzes do seu Regio agrado, respira ainda agora em tantas vidas, quantos sam os coraçoes dos Portuguezes. A benignidade q̄ constitue a hū Monarca juntamente Pay dos seus vassallos, deve ter especie de Omnipotencia em conservar vidas, e fazer creaturas: pois como choraremos morto a hum REY por quem vivem tantas vidas? Se a sua Real sombra está ainda dando alentos; como faltaraõ as respiraçoẽs ao Original? Entam diremos, que se arruinaram as esferas, quando as estrellas nos faltaraõ com o seu benigno influxo: em quanto a Aurora nos fertilizar com brandos orvalhos, não temamos, que nos falte o Sol. Eu acho, que aquelle estado, a que a morte chama ter sido, ou morrer: *Fuit*; he aquella percioza constituicam de vozes, com que se ostentava bonevola a sua Augusta Magestade. Dirá, que lhe apagou as luzes como a homem, e não foy se não moderar-lhas como a humano: introduzio-lhe as sombras, que eraõ percizas, para não offenderem os resplendores; como se fosse Sol, que nas visinhanças do occazo, o agonizar das luzes o faz mais bem visto dos nossos olhos. E parece-vos, Senhores, que assim como naquella Regia benevolencia respiraõ os coraçoes de seus vassallos, não vive o nosso Monarca com o mesmo alento? Isso seria negar o arteficio do coraçao humano, que assim como atráhe, tambem restitue os espiritos. No principio do Mundo creou Deos hūa vida, (3.) e ficou tambem vivendo naquella similhaça: (4) o Espirito, que sobre as agoas vivificou as creaturas, era juntamente espirito do Senhor. (5.) Quem forma aos vassallos filhos do seu amor, e da sua mancidam, se morrem como homens, não se lhe diviza o horror como humanos. Moysés, que era tam benevolo com o seu Povo

(1.) *No frontespicio da Eça, estava em vultro de imitado jaspe a Estatua da Paz jurando, sobre o fogo do Tripode dos sacrificios, pazes a Portugal, que tambem se figurava em Estatua.*
 (2.) *Naparte, que olhava para a Capella Mór, estavaõ aos dous lados da Eça as Estatuas da Justiça, e da Fé.*
 (3.) *Inspiravit... spiraculū vitæ. Genes. c. 2. v. 7.*
 (4.) *Creavit Deus hominē ad imaginem suam Ib. c. 1. v. 27.*
 (5.) *Spiritus Dei*

*feraba-
tur su-
per a-
quas. Ib.
vers. 2.*

(1.)

*Erat
enim
Moyfes
vir mi-
tissimus.
Num. c.
12. v. 3.*

(2.)

*Non co-
gnovit
homo se-
pulcrum
ejus.*

*Deut. c.
34. v. 6.*

(3.)

*Filioli,
diligite
alteru-
trum.*

*D. Hie-
ron. in
Epist. ad
Galat. l.
3. cap. 6.*

(4.)

*Exiit
ergo ser-
mo inter
frates,
quia
discipu-
lus ille
non me-
ritur.*

*Joan. c.
21. v. 23.*

(5.)

*De hom-
bres en
mares
pareció
sangri-
ento cá-
os de ba-
talhas,
guerras
de ele-
mentos.*

*Soar.
Cant. 9.
estac. 56.*

(1.) como o nosso Monarca, não se lhe conheceo o Sepulcro; (2.) e o Dis-
cipulo Amado, q̄ para com os seus Alumnos era outro benigno JOAM,
(3.) nam se sabe se morreu. (4.)

Vós, ò Portuguezes, acompanhay com o vosso agradecimento esta
minha proposiçam; confessay, que vive ainda na virtude do effeyto, quem
vos deu, e conservou tantas vidas. Que outra couza foy a paz, em que vos
conservou, por tantos annos senam hum asylo da vida, huma tranquilida-
de do composto, huma uniam de espiritos, hum inalteravel socego dos
vivos, e hum quasi jurado pacto com a immortalidade? E senaõ, abri as
pórtas do Templo de Jano, e vereis logo confundirem-se todos os quatro
elementos em mutua conspiraçam contra todos os vivos: a terra per-
de a cultura, o mar se enfeita de piratas, o ar geme atroado, e cego dos va-
pores, e estrondo dos instrumentos bëllicos, e o fogo tróca o luzimento
em estragos. Ora, se os elementos, em confuzam, saõ ruina do universo;
como vivirá o homem, morrendo o mundo? Que diremos, vendo o fogo
fóra da sua esfera introduzido nas minas? A terra fóra do seu centro le-
vantada pelo fogo? O ar feyto officina de arteficiosos rayos, e volantes
mongibélos? A agoa fóra dos seus limites, e da sua cor, crecida com o su-
or das fadigas, e tingida em sangue? Ora, se hum só elemento fóra da sua
armonia, he huma ferida da natureza; com tantos golpes, como poderáõ
viver as creaturas? Os Antigos, não fingiraõ mais que tres Parcas para ex-
tinguirem a todo o universo; na guerra hà tantas Clotos quantas sam as
espadas, tantas Laquezis quantas sam as boccas de fogo, e tantas Atro-
pos quantos sam os mais instrumentos bélicos. As Parcas nam tinham
mais que huma tisoura, e hũa souce para cortarem os fios da vida; a guer-
ra accrescentou-lhe innumeraveis armas, peças de bater, peças de campa-
nha, singular, e reforçadas, bastardas, e legitimas; serpentes do ar, que no
veneno do nome vomitam segúdo estrago; bazaliscos, q̄ na vista da póta-
ria mátam, porque levam segura a ruina; falcoens, e salconetes, de q̄ os ho-
mens sam miseravel caça. Deos para castigar as almas, nam fez mais do
que hum inferno; a guerra para tirar vidas, fez tantos infernos volantes,
quantas sam as peças modernas, cujo monstrozo trabuco, arrojando hũ
globo de vorazes incendios, rebenta com taõ horrivel estampido, que no
fumo, no fogo, e na ruina castiga os sentidos com infernal confusam. Ul-
timamente a Omnipotencia para formar o mundo, tirou as creaturas do
chãos; a guerra para destruir o mundo, inventa novo chãos, aonde nam
só se confundem, mas se perdem as vidas. (5.) Ora fechemos, Senhores, ou-
tra vez o Templo de Jano, e se estais já livres daquelle susto, que vos terá
excitado a sua tragica representaçõ, concidaray nas vidas, que vos deu, e

con-

conservou o plácido socego de tam dilatada paz: della nasceo a bem regulada armonia da Republica, o feliz progresso do Estado: ella foy a fecunda Aurora, q̄ nos brandos proflúvios de luzes, nos encheo da áura das vitalidades; formozo Iris, que impedio diluvios de fangue, throno das artes, theatro das sciencias, e seguro asylo da vida humana. Na Medicina, diz Avicena, que o melhor remedio he o preservativo: (1.) assim curou o nosso Monarca da vida de seus vassallos: não esperou a ferrar-lhe as feridas abertas nas campanhas; na uniam da paz tinham, sem golpe, antecipadas as ligaduras.

(1.)
Si aliquid in Medicina divinum, est præcautio. Avic. cen. . . .

Assim se havia a regia benevolencia deste sempre memoravel Monarca, em quanto à guerra dos homẽs, que elle podia, e sabia suspender; mas em quanto à guerra dos elementos, que elle não podia evitar, ainda se houve mais humano. Nam sey se émulo o Ceo, de que Portugal lhe usurpasse aquella imperturbavel harmonia, de que só elle he verdadeyro domicilio, vendo que ninguem se atrevera a romper-lhe a paz, quiz elle fazer-lhe guerra. Alexandre, convidado para a luçta, dizia, que só pelejaria se tivesse Reys como elle para contender. (2.) Diria-mos agora, q̄ ou se humanava o Ceo, ou se divinizava o S. D. JOAM V. para haver igualdade nos contendores; mas he melhor affirmar-mos, a guerra do Ceo nos vassallos, he castigar culpas, no REY he provar-lhe o amor. Declarou pois o Ceo guerra aos Portuguezes, e no anno de 1743. graçou por toda Lisboa huma universal epydemia, que se não a suspendera a mesma poderosa mão, que a permittio, das cazas se formariaõ os Cemeterios, e aque hoije apparese magnifica Metròpoli da Lusitania ficaria despovoado dezerto da inculta Libia. Sim; mas como se houve o Senhor D. JOAM V. nesta guerra da corrupçam dos elementos, e maligna influencia dos Astros? Accudio juntamẽte á terra, e ao Ceo; a este, supplicando trégoas com huma religioza embayxada de préces, e Sacrificios, que sam os artigos com que o Ceo Capitula pazes; e aos vassallos feridos do assalto do contagio, mandando-lhes pela disposiçaõ de seus Parocos hũ copiozo, e liberal socorro de Medicos, Cirurgioens, botica, e soldo para os gastos do conflicto. Oh humanidade a mais augusta! E quem nam conservará gloriozamente os golpes desta epidémica batalha, para eternos memoriaes de tanta benevolencia?

(2.)
Libens equidẽ, inquit se decertaturos mecum Reges sim habituros. Quint. Curf. l. 1.

Outra vez viraõ, lá dessas alturas, os Ceos o pacifico socego de Portugal; e meditando na inalteravel constancia do governo, imitando o sempre igual movimẽto das suas esferas na vigilãcia incorrupta dos Ministros a eterna materia dos Astros, na disciplina millitar sem guerra, a perfilada ordem das Estrellas sem peleja; como se temeraõ, que a imitaçam passasse a com-

competencia, engroflaraõ no feyo das nuvens húa exalaçam, q̄ atéada na esfera do fogo, despedito hũ rayo sobre a famosa Praça de Campo mayor. Ora exahi aquelles baluartes, que havia poucos annos tinham enchido os ares, e naõ sey se ferido as Estrellas com vivas, e aclamações do victorioso nome do Senhor D. JOAM V. na sempre memoravel defeza, com q̄ pot toda huma noyte rezistio a hum assalto geral, de que o Castelhana se retirou destroçado, pedindo trégoas para enterrar seis mil mortos, que perdeo no assalto (tam arbitras ficaram nossas Armas, que até da nossa comizeraçam dependia a sua piedade) agora abalados, cahidos, e quasi de todo arruinados por outro mais activo fogo. Mas, que providencia se daria às ruinas de taõ repentino, e inevitavel ataque? o Ceo desfez logo a nuvem em copiosos chuveiros, ou porque, como arrependido, já chorava o estrago, ou porque pertendia, piedozo, com despendios de agoa apagar o incendio, que ficara atéado; e o Senhor D. JOAM V. accudio logo reedificando os Templos, e os edificios a expensas suas, absolvendo aos moradores dos Direytos Reaes por todo o tempo da reedificaçãõ, e pondo para a cura dos feridos promptos, e providos os Hospitaes. Oh incomparavel piedade de Monarca! Quem naõ dirá, que mandou o Ceo este rayo, naõ para lhe fazer guerra, mas para trovaõ da sua fama.

E parece-vos, Senhores, que esta benevolencia de genio, degenerou em frouxidaõ? Poes sabey, que entre estas demonstraçoens da sua inacta piedade, nam foy no animo menos fórte: ao mesmo tempo que a comizeraçam dava lugar á ternura, apparecia no semblante entronizada a Magestade. Porque vos parece conciliou o epitecto de MAGNANIMO, senaõ porque, desdenhoso de vencer homens, passou a vencer impossiveis? Impossivel pareceria a outro coraçãõ, que naõ fosse o do S. D. JOAM V. delinear huma perfeyta imitaçãõ da Curia Romana, naõ digo eu já em Lisboa, mas de portas adentro do seu Palacio, como elle tem conse-

(1.)
*Ordoni-
 us, filius
 Alfonsi
 Magni,
 Rex Le-
 giomen-
 sis, Re-
 giam do-
 mum in
 Basilicã
 Cathedralem
 conver-
 tit. S-
 pond.
 an. 915.*

guido na erecçãõ da Santa Igreja Patriarcal, aonde nam sey se com excessivo, se com igualdade vemos o mais preciozo, e magnifico apparatus para a suas funçoens Pontificaes, os sугeitos de mais qualificada nobreza, e literatura para a sua composiçãõ; e com opulentas, e estabelecidas rendas para a sua subsistencia; pois quando a insigne Liége, Cidade do circulo de Westphalia, se jacte do seu Cabbido composto de Princepes, e Cardiaes; supposto Leaõ de França se glorie do seu Cabbido Metrópolitano, que, á imitaçãõ da Curia celeste, reparte as Dignidades Ecclesiasticas pelo numero das Angelicas Jerarquias; e aindaque Ordonho Rey de Leam, e Asturias se lea cheyo de honra, e louvores nas Historias, por ter convertido o seu Palacio em Basilica Cathedral: (1.) a esta, e áquellas faltou a principal Dignidade

gnidade de Patriarca, que (segũdo o Capitulo 33. do Concilio Niffeno) he aque dá ao corpo Ecclesiastico authoridade, e esplendor ao Rey. (1.) Impossivel pareceo por muytos seculos, q̃ Lisboa tivesse crystalinas, e fabo-
 rozas agoas, conduzidas ainda á eminencia do mais alto bayrro da sua po-
 voaçãõ ; e isto intentou o Senhor D. JOAM V. nos prodigiosos aque-
 ductos da Agoa de Bèllas; aonde, a industria da arte, tem levantado na pla-
 nice dos valles montes de pedra, e cal para a regulada proporçam do seu
 nivél. Impossivel pareceria nas mais observadas, e politicas leys de esta-
 do, que quando toda a Europa gemia oppremida com o pezo da mais du-
 ra guerra, se conservarſse o Senhor D. JOAM V. em hũa pacifica, e in-
 suspeytosa neutralidade, como se a esfera do seu coraçãõ fora o Olympto,
 aonde respirava izento de vulgares perturbaçoens.

(1.)
 Patri-
 archa
 sit in
 Civitate
 Regia,
 ut sit
 honori
 ipsi Re-
 gi, & a-
 liis si-
 mul
 Presby-
 teris.
 Concil.
 Niff. c.
 33.

Nada pareceo deffícil à quelle *Magnânimo* peyto. Esta seria a rafaõ porque na quella acçaõ, em q̃ a Anatomia he piedade, se diz, lhe acharãõ o coraçãõ duas vezes tamanho como o dos mais homẽs: era elle a officina das suas reaes, e heroicas emprezas; e na verdade, ninguẽ teve mayor es-fera de REY. Quem, poes, souber, que o fundamento da paz, que estaba-
 leceo no seu Reyno, naõ só foraõ batalhas, mas victorias, acharã, que a paz em que vivemos naõ foy frouxidam, foy naõ ter inimigos que ven-
 cer. Acabaram de dezenganar-se os barbaros perseguidores da Igreja em Corfú, os Indios na Azia, os Africanos em Mombaça, os rebeldes Paulis-
 tas na América, q̃ para o Senhor D. JOAM V. naõ havia resistencia; e do dezengano das suas armas, começou a nossa paz. Isto sim, que he triunfar duasvezes, do inimigo, e da obstinaçãõ. Dizem, que sem contrario naõ póde haver triunfo; eu digo, que quem nam acha oppoziçãõ, até dezar-
 ma o atrevimento: o que vence, he o senhor da acçaõ; mas nam póde negar, que na resistencia debilitou as forças: naõ hà mayor imperio, do que o da luz, e mais naõ tem contrario, que vencer.

Poes que? Julgaria-mos agora, com alguns presumidos Estadistas, que aquelle diuturno socego de armas, em q̃ se viraõ as Portuguezas, foy frã-
 quear-lhe o animo? Poes nós affirmamos, q̃ foy confirmar-lhe o respeyto: foy serem grandes, naõ só com as armas na pontaria, mas com ellas sobre o descançaço: como o estrondo caminha mais tardo do que o estrago, soce-
 garam hum pouco, para que chegando a todas as quatro partes do mundo inteiramente o rumor das suas proezas, acabasse a fama, o que principiou o braço. Diria-mos, por a caso, q̃ entrincheyrar os Portuguezes nos limites da paz, foy privallos daquella gloria, com que as proezas militares os podi-
 am eternizar? Antes diremos, q̃ já os contemplamos immortalizados, quan-
 do os suppomos pacificos. Já houve quem fabulou, com payxaõ de Por-
 tuguez,

(1.)
Luiz
Marinho de
Azevedo, nas
Antiguidades de
Lisboa,
l. I p. I.
c. 20.

(2.)
Sicut
turris
David...
que edificata
est cum
propugnaculis:
mille
clypei
pendent
ex ea.

Cant. c.
4. v. 4.

(3.)
Collocavit ante
Paradisum... Cherubim,
& flammum
Gladii
gl. Gen.
c. 3. v.
24.

(4.)
Ad custodiendam
viam ligni vitae. Ibid.

(5.)
Iustorum
...animæ
in manu
Dei sunt
... illi
autem sunt
in pace.
Sapient.
c. 3. v. 1.

3.

tuguez, que os campos Elyseos, em que descansavam eternamente gloriosos os Heróes, eraõ em Portugal; e que os montes da Serra de Cintra junto de Lisboa, eram os degrãos por onde subiaõ os Portuguezes a gozar da gloria da quelles paizes deliciosos. (1.) Porêm se a verdadeyra gloria dos Elyseos não he outra cousa mais, q̃ a suave viraçãõ da Fama, podia-mos fazer verdadeyra a fabula. E que outra idéa pôde ser a do Templo da Fama, mais, que hũa regiaõ da paz, em que o merecimento colloca aos Heróes, para que a Fama, batendo continuamente as azas, lhes enxugue para sempre o suor das fadigas? Ahi se encoستاõ as lanças a descansar dos continuos arremessos, com que voaram nas campanhas; ahi se penduram as elpadas, cançadas de tirar vidas, e cortar palmas. Alì, para desmentir a violência, apparellem com a corda froyxa os arcos; os arnezes, se luzem relampagos, nam sentillaõ rayos; e atè os capacetes se esquestem dos trémulos dezaçocegos dos penachos. Là està a lança de Aquilles, a espada de Alexandre, a clava de Hercules, mas sem exercicio, só servem de adorno; e atè os mesmos Cezares, e Alexandres, estam em tocego taõ feliz, que parellem as primeyras estatutas de si proprios. Ora não vos parece, que neste theatro da Fama se representa a paz de Portugal? Poes se a gloria dos Elyseos, como já ponderamos, nam he mais, que o premio da boa fama; sem fabula reproduzio o Senhor D. JOAM V. os campos Elyseos na sua Lysia, ou Lusitania. Sim, Senhores, só o Senhor D. JOAM V. acabou de conhecer o merecimento dos Portuguezes; só elle podia dàr, antes de haver morte, eternidade; só elle podia sem cinzas fazer Feniz: medio as torres de Portugal pela planta da torre de David, que, sem armas offensivas, eternizava o respeyto nos escudos: (2.) não quiz mais armas, que as do Querubim, q̃, sem ambiçoës de territorios alheynos, todas se empergavaõ em conservar o seu Paraizo: (3.) e tirando da cõparaçam argumento para nova similhaça, digamos tambem, que assim como aquella espada de fogo, sem mais manejo, que o da deffença, era guarda de hum ameno, e pacifico Paraizo, aonde se cõservava a Arvore da Vida; (4.) da mesma sorte, nam se movendo em Portugal, nem mais ferro, nem mais fogo, que o que fazia respeytavel a sua conservaçam, este era o domicilio aonde a vida, contra a jurisdicaõ da morte, chegou a lançar rayzes. Com tudo se, ainda q̃ durasse a felicidade do Parailo, sempre havia haver morte, bem q̃ com a doçura de transito; esta especulaçam pôde suavizar a nossa saudade na perda do Senhor D. JOAM o V. porque alêm do morrer justificado ser entre os socegos da paz; (5.) a mesma morte, q̃ hoje, para tymbre de seus triunfos, se jaçta, que o Senhor D. JOAM V. foy homem, inculca o transito em dizer, que passou: *Fuit Homo: significans rem jam preterisse.*

2.

MAS assim devia ser, quem foy homem mandado por Deos: *Missus á Deo*. A pompa militar, ainda de q̄ digna de espiritos Princepes, tem seu genero de incongruencia com acultura religiosa; ou porque nam he decoroso misturar o sagrado com o profano; ou porque o homem, todo applicado para Deos, ainda he pouco. Não chegou David a edificar o Têplo, porque com a espada na mão andou fundado a Monarquia; (1.) e até hum gentio advertio nesta incompatibilidade nam querendo tocar os seus Penates com as mãos ensanguentadas da guerra. (2.) Agora pois, que acabamos de ver no Senhor D. JOAM V. hum REY pacifico, podemos inferir, que Deos o mandara aos Portuguezes para as emprezas da religião, e piedade. (3.) De todos os Senhores Reys de Portugal se póde dizer foraõ mandados por Deos; porque, se o ler mandado he officio de Anjo, (4.) elles foram aquelles Anjos velozes, de quem profetizara Isaias, que haviam levar a Fé até aquellas gentes mais remotas, e afastadas; (5.) gentes, aque o original Hebreo chama de duas linhas, (6.) ou que para se comunicar foy perciso passar a linha duas vezes. Parece, que as cinco Chagas, que Christo deu para brazam das Armas de Portugal, estam ainda no Escudo contervando com os sinaes hũa analogia com as partes em que se abriram; como se com ellas désse Christo tambem a Portugal mãos, pés, e coração: mãos, para subjugarem as mais barbaras, e indomitas naçoens, fazendo nas suas Conquistas mais de quarenta Reys tributarios na reconhecida vassalagem de lhe deyxarem livre o dominio, e navegação do Imperio de Neptuno: pés, para correrem por mar, e por terra o mundo todo, estentendo o seu commercio por espaço de mais de oito mil légoas, em praças maritimas, enseadas, bahias, pórtos, e emporios, dando a conhecer o nome Portuguez a reynos incognitos, a pennisulas inhabitadas, a desertos até entam incultos, a oceanos nũca cortados, arrancando o *Non plus ultra* das colūnas a Hercules, e desmentindo o *Naõ* do inacessivel Cabo do mar Atlantico: e ultimamente coração tam cheyo de valor, e de zêlo, que nunca duvidaram sacrificar as vidas pela Patria, e pela Igreja. Assim o testemunha a experiencia dos seculos, que, desde o principio de Portugal até hoje, tem sido huma viva historia, authorizada com repetidas Bullas Pontificias, em que se especializam a de Paulo X. ao Senhor D. Manoel, e a de Pio V. ao Senhor Rey D. Sebastiam. Estes os fundamentos por que os Reys de Portugal foram sempre mandados, e dados por Deos; porêm no Senhor D. JOAM o V. acho eu entre todos huma razam espe-

(1.)
Tu seis
voluntatem
David
patris
mei, &
quia non
potuerit
aedificare
domum
nomini
Domini
...propter
bella. 3.
Reg. c. 5.
vers. 3.

(2.)
Me bello
è tanto
egressum,
&
cedere
rectare
nefas.
Æneid.
l. 2.

(3.)
Nunc
autem
requiem
dedit
Dominus
Deus...quã
obrem
cogito
aedificare
Templum. 3.
Reg. c. 5.
v. 4. &
5.

(4.)
Angelus
idest,
Missus.
Claud.
Le Petit,
de Spirit.
tract. 1.
cap. 1.

(5.)
Ite An-
geli vo-
lōes ad
gentem
convul-
sā, & di-
lacera-
tā. Isai.
c. 18. v. 2.

cial, que foy dado por Deos para o honrar, e servir, sem se appartar da sua presença; que tanto valle o ser mandado por Deos, naquelle grande Homem, que foy, e tinha o nome de JOAM, e que já nasceu para não se appartar da sua presença: *Ante faciem Domini cucurrit.*

(6.)
Ad gen-
tē bau,
bau, id
est, li-
niē, li-
niē.
Mendos.
hic.

Nos Inviçtissimos, e sempre memoraveis Reys de Portugal, que precederam ao Senhor D. JOAM V. contemplo eu aquelles grandes corifeos da virtude, q̄ precederam ao grande JOAM, que nos serve de exemplar: todos a quelles varoens santissimos, levavam nas virtudes, em que mais se assinalaram, a honra de Deos diante dos olhos. Noè (fallando de poès do diluvio, para nam prolongar tanto a comparaçam) principiou a crear hum novo mundo, igualmente para seus filhos, e para Deos; sendo o mesmo fahir da Arca, que hir purificar os crassos ares do diluvio com os

(1.)
Edifi-
cavit
autem
Noè Al-
tare
Domi-
no ... ob-
tulit
holocau-
sta. Gen.
c. 8. v. 20.

fumos dos Sacrificios: (1.) elle achou, com menos pompozo, mas sincero rito, q̄ para reconhecer a Deos podia ter Altar toda a vastidam do campo, como quer que na victima ardesse o fogo, e na intençam luzisse a fé. A Noè se seguiram, com especial dom da religião do verdadeyro Deos, Abraham sacrificando á obediencia ainda a mesma esperança, (2.) não duvidando perder os dilatados, e lufidos progressos da sua descendencia, por não faltar a Deos com hum Sacrificio: Jacob, e Moysés, hum com Deos na bocca; (3.) outro com Deos nos braços: (4.) em conclusã David, não só com Deos, mas Deos com elle no coração; (5.) e além destes, Reys, Patriarcas, e Profetas todos com o conhecimento de Deos; mas

(2.)
Qui cō-
tra spē
in spem
credidit.
Ep. ad
Rom. c.
4. v. 18.

hum conhecimento enterrompido, e mediato, já em figuras remotas, já em outras distintas acçoens. Chegou ultimamente JOAM, e nam só o conheceo, como os mais, que lhe precederam, com os olhos da fé, mas começou a trazello diante dos olhos, e a mostrallo com o dedo; (6.) em forma, que para ver a Deos, nam era percizo mais, que olhar para onde apontava JOAM. Ora viray agora os olhos para o nosso Portugal, e vereis, como,

(3.)
Ego ero
in ore
tuo. Ex.
c. 4. v.
12.

depoès de hum diluvio de Mahometanas profanidades, que innundou a toda a Hespanha, se começou a crear este abreviado mundo Portuguez, sempre com o lume da fé, e pureza da religiam, nos seus Soberanos Dominadores, até chegar-mos ao Senhor D. JOAM V. que sem lhe servirẽ

(4.)
Vidi
Deum
facie
ad faci-
em. Gen.
cap. 32.
v. 30.

de interpolaçam outras empresas, aonde quer que aparecia em público, nam havia mais que procurar-lhe a Deos diante dos olhos: procurasse-se a onde podia apparecer o Senhor D. JOAM V. q̄ com o dedo se poderia apontar para os exercicios, e funcçoens do Divino Culto. Desorte, que se olhamos para o Senhor D. Affonço Henriques, primeyro fundador, e habitador do Throno, o acharemos, qual outro Noè, com huma Monarquia

(5.)
Inveni
... virū

dada juntamente para a sua descendencia, e para Deos; (7.) sendo tambem

o cam;

o campo de Ourique Altar daquelle crucificado simulacro, de cujos amorófos rayos ferido, e abrazado servio de vivente sacrificio: e alterando a ordem dos tempos, por conta da similhaça, no Senhor REY D. Sebastião admiraremos hum Abrahão hindo em pessoa à batalha de Alcaerquivir, aonde, perdendo-se ahi, sem sucessão, sacrificou a descendencia, para que Deos não perdesse a victima de seu abrazado zelo, com que naquelles dominios intentava dilatar a fé: no Senhor D. Diniz hum Jacob, cujos regios, e felices braços conseguiram por espoza a Rainha Santa Izabel, Anjo em carne com o espirito de Deos; o qual tambem prudentemente contendeo por huma bençaõ, ou pacifica uniam entre o Principe filho, e o Rey espozo: a David, elevado ao Throno depoes de vencer Gigantes, e destroçar Leoës, se assemelha o Senhor D. João I. a cuja exaltaçam serviram de pianha rebelados Gigantes, e Leoës de Hespanha: a Moysés o Senhor D. Manoel, que, com a vara do seu poder, fazia mais milagres que conquistas, renovando no Occeão prodigios quasi tamanhos como os do mar Vermelho: em outros Varoës não desiguaes assimilhamos os mais Monarcas Lusitanos igualmente grandes, se nos nam faltara o tempo, e julgasse-mos opportuna a extençaõ, até chegar ao Senhor D. JOAM V. verdadeiramente JOAM maior que todos os que até elle nasceram para o Throno; o qual, sem controverica, nem sombra de adulaçam, chegou a sublimar o Culto Divino a hum grão de perfeçam, e magnificencia muyto superior ao que se vio em todo o tempo dos Reys de Portugal seus antecessores; e como tal dado com especialidade por Deos para REY, que mais se empenhou a olhar pela tua honra, e que particularmente teve dedo para o augmento da Religiam, e da Igreja.

No nascimento do grande JOAM, teve curiosidade a montanha de Judéa de procurar quem elle havia ser, advertindo o feliz horóscopo cõ que nasceu: (1.) nós, ponderando no que o Senhor D. JOAM V. foy, facilmente podia-mos conjecturar a estrella, q̄ lhe influio em seu Regio nascimêto. Pertuado-me, q̄ ao apparecer o Senhor D. JOAM V. no mudo, reynavam com benigno influxo nas esferas aquellas famózas estrellas, ou constelaçoës, com que o Ceo està ensinando hum luzido aparato do Divino Culto. Sobre o meridiano de Lisboa inclinaram appositura Austral as constelaçoës chamadas *Altar*, e *Thuribulos* em final de q̄ apparecia no mundo hum REY, que todos os incenços, e gomas da Arabia dezejaria sacrificar nos Altares da Divindade: divizar-sehia a constelaçoõ chamada *Vazo de Apolo*, em auspicio de que nascia hum REY, que a melhor porçaõ de ouro da America havia cõverter em Vazos Sagrados para decorozo uso dos Templos: appareceriaõ as constelaçoës chamadas *Lira de*

*secundũ
cor me-
um. Act.
Apost. c.
13. v.
22.
(6.)
Ecce
Agnus
Dei. Jo-
an. c. 1.
vers. 29.
(7.)
Volo in
te, & in
semine
tuo Im-
perium
mibi
stabili-
re. Ju-
ramento
de El-
Rey D.
Affonç.
Henriq.
apud
Britto
na Chro-
nic. de
Cist. 1. 3.
c. 3.*

(1.)
*Quis,
putas,
puer is-
te erit?
Etenim
manus
Domini
erat cũ
illo. Luc.
c. 1. v.
66.*

Orfêo, e Ave do Paraíso, pronosticando que tinha-mos hum Monarca; pelo qual todas as armonias dos mais destros Orfêos da Musica te havião convocar, para cantarê louvores a Deos no Paraíso da Igreja. E perguntou eu: Não vimos, e prezenciamos como correspondeo o successo aos vatecinios? Apenas tomou as rédeas do Lusitano Imperio, quando formou a idéa de aperfeyçoar, e exaltar na sua Regia Capella o Culto Divino; e para que a felicidade do exito tivesse o merecimento por baze, mandou, a rogativas de Clemente XI. sahir de Portugal huma armada contra os Turcos, que invadiam as terras da Igreja, para cuja cabal victoria, se faltou a occasião de tingir em sangue Turqueno as ondas do Mediterraneo, foy porque para fugir o inimigo bastou o respeyto, sobejou o estrago; mas em glorioza compensação de tão grande beneficio, se expedio de Roma, por indulto do mesmo Santissimo Padre Clemente XI. agloriosissima concessão de huma Igreja Patriarcal: e a qui se me representa, se elevaria aquelle generoso, e liberalissimo espirito na mesma ambição sagrada, que occupou o dezejo de Salamam, quando considerava na construcção de Templo, julgando diminutos os mayores thesouros (1.) para caza de q̄ Deos, e nam o homem havia ser habitador. (2.) Assim desempenhou o Sabio REY aquella grande idéa, que formara da grandeza de Deos; porêm julgo, q̄ com mais alto pensamento media o Senhor D. JOAM V. a Divina grandeza, ainda quando imitava a Salamam na idéa, porque este julgava diminutos os thesouros, e riquezas, que lhe ficaraõ de seu pay David, as quaes todas unidas fizeraõ no seu Templo hũ só monte de ouro, como lhe chamou Abulense; (3.) e o Senhor D. JOAM V. não só teve hũ monte de ouro, mas na sua America teve mōtes, e ferranias inteiras deste precioso metal; e não só ouro amontoado, mas enchentes de ouro, com q̄ cada anno repetidas vezes se engroçava o Tejo, q̄ além das suas arêas, com que se decanta *Aurifero* pelos Poetas, se formavam da abundancia de ouro, que em pò, grãos, laços, e barras lhe tributava a America, em copiozas, e opulêtas frótas; mas nem ainda assim bastantes, para lhe extinguir a cede (agora sem vicio sagrada) que o zelo da caza de Deos lhe ateara no coração. Todos os dias podera o Ceo fazer pasmar a terra na producção de admiraveis effeytos, sem que o quotidiano desmentisse o prodigioso; porque a facundia do Author não necessita do raro para a admiracão; porêm, ou seja pela dependencia da analogia, ou pelo nexo da ordem da Provincia, as emprezas singulares só se reservaraõ para os seculos dos grandes homens: o calar-te de assombrado todo hum mundo, só se vio no tempo de Alexandre; o serem todas as Monarquias de terra membros de huma só cabeça, só se reservou para Augusto; e o contarem-se os dias pe-

(1.)
*Quātus
 ego sum
 ut possi
 edifica-
 re ei do-
 mum? 2.
 Paral.c.
 2. v. 6.*

(2.)
*Neque
 enim ho-
 mini
 prepara-
 tur
 habita-
 tio, sed
 Deo. 1.
 Paral.c.
 29. v. 1.*

(3.)
*Templū,
 quod
 constru-
 xit Sa-
 lomon,
 mons
 aureus
 videba-
 tur. A-
 bulens.
 in lib. 2.
 Paral.
 vid. cap.
 Aurum,
 caus. 12.
 quest. 2.*

las mercès, foy singularidade de Tito. Na verdade, que só no seculo, em que Portugal tinha taõ grande REY como o Senhor D. JOAM V. podia desempenhar o projecto de húa Igreja Patriarcal. Assim como Deos se deu a conhecer á medida das luzes da Fé; assim parece que esperou tempo para ser servido á medida da esfera dos coraçoes. No tempo das leys da Natureza, e Escrita, naõ poz patentes muytos mysterios; porque a fraqueza da fé daquelles tempos nam podia com a grandeza dos objectos; atè que chegaram os Apostolos, e os Doutores, que com mais luz alcançaram mais. Da mesma sorte, a grandeza do fausto, do dispendio, do culto, da vigilancia, da magnificencia com que Deos he servido, e venerado na Igreja Patriarcal, só cabia no animo do Senhor D. JOAM V. Nenhum de seus gloriófos Progenitores, ainda que assinalados em fabricas religiosas, emprehendeo taõ alto designio; porque se estava escondendo no thesouro dos futuros hum Monarca tamanho como a empreza.

Eregio o Senhor D. JOAM V. a sua Igreja Patriarcal, e desde entaõ se declarou inteiramente mandado por Deos, e para Deos; porque, como se unisè á Magestade o Sacerdoció, igualmente se repartia no Throno, e na tribuna. Na Filosofia de Platam, só entaõ podiam ser bem governadas as Coroas, quando os Princepes uniam o zelo da religiam á soberania. (1.) Por uilo entre os Egepcios nam podia ser Rey, quem nam fosse juntamente Sacerdote. Numa Pompilio assim como foy o segundo Emperador dos Romanos, assim formou hũ segundo Imperio Ecclesiastico, (2.) creando oito Collegios de Sacerdotes com os nomes de *Augures, Sálidos, Curiaís, Faciaís, Flámines, e Archiflámines*; como se quizesse estabelecer a doutrina de Archytas Philosopho Tarentino, q̄ dizia, que *Princepe, e Altar* eraõ synonymos, (3.) ou a oppiniam de Isidoro, que advertio, que os Emperadores eram juntamente Pontifices. (4.) Consta que Alexandre chorava, tanto por nam ter mais mundos, que vencer, como por nam chegar a exalar todas as gomas da Arabia, toldar o Ceo com perfumes odoriferos em obsequio dos seus Deoses; fazendo desculpavel a ambiçam, por ser mensura de tam piedozo zelo. E ultimamente, despindo a noticia de toda a supersticãm Gentilica, Christo, que nasceu para exemplar dos verdadeyros Monarcas, (5.) foy juntamente REY, e Sacerdote. (6.) Tanto, naõ podia ser o Senhor D. JOAM V. porèm se o estado lhe impossibilitou o caracter, nam lhe faltou a gloria, e parte de exercicio nos louvores do Coro, acompanhando com expressas vozes os Officios Divinos, como presenciaram repetidas vezes em o Convento de Mafra os seus Religiosos, e perceberam os ouvidos dos assistentes na tribuna da sua Igreja Patriarcal; e no Altar, senam com a pessoa, com adi-

(1.) *Dionis propinquus.*
 Plato *Epist. 8.*
 (2.) *Apud Baron. ann. 52.*
 (3.) *Arist. 3. Rhetor.*
 (4.) *Isid. 1. 7. Etym. c. 1.*
 (5.) *Qui natus est Rex.* *Matth. c. 2. v. 2.*
 (6.) *Manet Sacerdos in perpetuum...* *Tu es Sacerdos in eternit.* *Hebr. c. 7. v. 3.*
 recção, & 17.

recção, sendo Argos vigilante para que às leys do Divino Culto não faltassem nem os ápices. E como ficaria agora invejoso Numa Pompilio se visse hū Monarca, que não em diferentes Collegios, mas dentro da mesma Basilica distribuio por tantas Ordens, e Jerarquias as Dignidades Ecclesiasticas? Como se encheria de admiracão Alexandre de ver, que a mesma Arabia não só reconhece a Portugal o dominio, mas até tributa á sua Igreja Patriarcal os incenços: e que gloria será para o mesmo Christo, sabendo que tivemos hum REY, que lhe imitou o Officio do Sacerdote: Poes se elle, como Sacerdote, gerou a Igreja; o Senhor D JOAM V. chamava à Basilica Patriarcal *a sua Filha primogenita*. Esta he finalmente huma diminuta expressão do zelo, religião, e piedade de hum Monarca que empregando no Divino Culto o mayor disvelo do seu piedoso espirito, se nos dá a conhecer, ainda nas sombras daquelle retrato, como REY verdadeiramente mandado por Deos: *Missus á Deo...quia ante faciem Domini cucurrit.*

2.

JA era tempo, que soasse com estrondozo brado o seu grande nome: *Erat Joannes*. Era JOAM. Ora desengane-se a morte, que ainda que como homem diga, que foy, porque morreu; que ainda que como mandado por Deos fosse outra vez restituído ao Ceo, sempre durará eternamente nos Annaes da Fama o seu nome, nunca se esquecerá a posteridade de quem era JOAM. O verbo *Erat*, não limita tempo; e se o verbo *Fuit* indica, que morreu como homem, o dizer, que *era*, lhe eternizará seu nome glorioso. He a sepultura não sómente marco, que limita as balizas da vida, mas tambem escolho aonde se vay quebrar todo o admiravel artefacto da humanidade; mas quaes vos pareessem que são as reliquias, que se salvão de tam grande tempestade? São os grandes nomes. Estes são as taboas, q̃, boyantes sobre as agoas do Lethes, conduzem ao descansado porto da Fama salvos aos seus Heróes. Olhay para os jazigos, e para os tumulos fúneustos, theatros de tanta derrota, e achareis sobre os marmores, e lápides sepulcraes, em contextura de epitafios, os nomes mais gloriosos; e com tão raro privilegio, que no lugar aonde todos estam calados, só o nome fala: nos dominios da morte se assenta, na região das trevas se diviza, sobre os destroços se intégra, e entre os que acabam dura. Sayba pois a morte, q̃ o Monarca, q̃ nos representa morto, ainda tem o nome vivo; e sayba mais, que para dar vida aos marmores, alentos aos bronzes, alma ás inscripções, e espiritos aos Oradores, basta o grande nome do Senhor D. JOAM V. Seguro-vos, que não bastaráõ as cem boccas da Fama para dizerem na

poste:

posteridade quem era JOAM: faltará vozes, e fobejará nome. Em quanto se lembrarem os vindouros, que no tempo do Senhor D. JOAM V. se formaram Lycéos de Academias das salas do seu Palacio, para se apurarem as mais veridicas noticias da Historia Portugueza; que chegamos a ver, em obsequio do seu Genio estudioso, em hum só Portugal recopilado o Egypto na intelligencia das Mathematicas, Roma na Jurisprudencia, Alexandria na Geometria, Athenas na Estatuaria, e Pintura, os Crotoniats na Medecina, e na Atletica os Aginetas, ouviremos, que todos estes alumnos da Sabedoria, estarão clamando, que o Jupiter, de cuja cabeça nasceu tanta Minerva, era JOAM. Não se esquecerá Roma de que, para docoroso ornato da Igreja, lhe deu a ver Portugal duas Purpuras, de q̃ o Collegio Cardinalicio ficou tantas vezes admirado, quantos foram os motivos de fausto, pompa, politica, jurisprudencia, e religiam destes dcus Eminentissimos Cardiaes: ainda terá nos ouvidos o nome, e tambem creyo que no coração a saudade, assim como trouxe nas palmas, e diante dos olhos, a Pessoa Excellentissima do Prelado desta Cathedral: ella bem vio, e a experiencia o patenteou a todo o orbe Christão, que pela incomparavel intelligencia de tam grande Ministro conleguiu Portugal os mais memoraveis, e nunca concedidos indultos. Poes se a posteridade perguntar: quem era o mozel de tantas graças Apostolicas? Aquem se concedeu o exorbitante privilegio de obter na sua Real Basilica hum Patriarca juntamente Cardeal nato? Aquem em Sagrado Consistorio deu o Oraculo da Igreja o titulo de *Fidelissimo*? Dirá que era JOAM. Bastará a lembrança deste nome, para a sua Academia Real da Historia desempenhar a letia *Restituet omnia*, que lhe serve de diviza; porque será bastante ler a Historia das acçoens do Senhor D. JOAM V. para se compendarem todas as heroicidades de Portugal; as mayores, porque sam as suas; as mais, ou porque em seu tempo se obraram, ou porque à exacta crisse, e indagação de seus Academicos devem a evidencia da Historia; e esta he nova presença das acçoens. Lá se estarão successivamente forjando idéas, e pulindo capacidades de nóvos engenhos, nos quatro Collegios, que o Senhor D. JOAM V. fundou à Sagrada Companhia de JESUS, para, que crescendo em progressos literarios, desempenhem o erudito desvélo de seus Mestres na agradecida memoria de seu Régio Fundador. E ainda agora se preparam Palestras para a juventude Lisbonente, em a nova Universidade, que unida ao seu Palacio, e Igreja de N. Senhora das Necessidades ultimamente eregio debayxo da disciplina dos Muyto Religiosos Padres da Congregação do Oratorio; cujos Alumnos, participando de taõ doutos Mestres o agradecimento com o ensino, assim como parecerám

(1.)

No sum
ego...
ego vox
claman-
tis. Jo-
an. c. 1.
vers. 20.
& 23.

resuscitados das cinzas dos Ciceros, dos Virgílios, e dos Horácios, assim
tambem cada dia, fazendo resuscitar o seu Mecêna, e o seu Augusto, nos
diram, quem era *JOAM*. O' glorioso nome! Não me admiro que fiques
durando nos brados da Fama, quando a morte nos rouba a Pessoa do Se-
nhor *D. JOAM V.* porque tambem o grande *JOAM* deyxou de ser, e
ficou sendo vóz. (1.)

(2.)

Nos se-
pulcros
de Tuli-
ola, e de
Palātes,
dizem q̄
se acha-
raõ lam-
padas
inextin-
guíveis.
Bonfin. l.
2. aec. 2.

Mart. in
Cron.

Fulg. l.

1 cap. 6.

Cael An-

tiq lect.

l 3. c. 24.

Zahn t.

2. Scrut.

4. c. 10 §.

2. n. 25.

Vid. D.

Aug. de

Civ. Dei

l. 21 c. 6.

& ibi

Ludov.

Vives.

(3.)

Oleum
effusum
nomen
tuum.

Cant. c.

1. N. 2.

(4.)

Factus
est prin-
cipatus
super
humerū
ejus.

Isai. c. 9.

2. 6

Vóz; mas quem poderà negar, que a vóz he vento? Sim, que as Ma-
gestades morrem para universal desengano: creyo que as vozes de tam-
grande nome repetidas a animados sopros na trombeta da Fama, poderãõ
accender as luzes, que aquelle Genio chóra apagadas; mas saõ luzes fu-
néstas, que ainda que o applauso as prepare como as lucernas, que a Histo-
ria chama inextinguíveis, sempre allumiaõ sepultura. (2.) Sabey mortaes,
que no sepulcro nam se descobre outra luz, mais que a do desengano: e se
as feridas, quanto mais se curam, mais doem; quanto mais quizer-mos ten-
tear o penetrante golpe de morte taõ sensível, mais se estimulará a nossa
fauzade. Assim he, que o oleo derramado do bom nome, (3.) he o melhor
balçamo para eternizar cadaveres; mas conservar cinzas, mais do q̄ reme-
diar, he eternizar a ruina. O certo he, Senhores, que foy, e foy-se o Senhor
D. JOAM V. aquelle Monarca, acuja maõ não foraõ bastantes as alte-
raçoens de toda a Europa, para lhe abalar o Ceptro; cujo braço guiava em
todas as quatro partes do mundo a roda da Fortuna; cujo semblante era
Throno da Magestade; cujo coraçãõ, até em a ser mayor que todos, quiz
parecer seu; cuja cabeça era mais alta, que a Coroa, poes tomando, co-
mo verdadeiro Princepe, o Imperio sobre os hombros, (4.) sobrava a capa-
cidade à Monarquã. Este he o homem, que foy, e se foy para sempre. Af-
sim o chora todo Portugal; e a terem lugar as fabulas da Gentilidade, até
chorãraõ os Deoses, como fingio Homero na morte de Aquilles. E o ma-
is he, que assim o està publicando a Fama, sem nos offerecer outra conso-
laçaõ mais, que hir-mos buscar o desengano na presença dessa Urna. (5.)
Chega poes, ó mortal, rodea esse Obelisco, e se choras porque o Senhor
D. JOAM V. se foy, alimpa as lagrimas, vendo o que delle ficou: vê acir-
cumferencia (6.) de virtudes, que olhaõ para o centro dessas cinzas, que, de-
bayxo de symbolicas imagens, despertando a curiosidade, disfarçam a ma-
goa. Chega, e lê; e ao veres na primeyra imagem hum rio breve no nas-
cimento, e na distancia copioso, com a letra: *Quò longiùs èo latius*; contèpla
o augmento, que o Senhor *D. JOAM V.* deu ao seu Imperio, comparãdo
o progresso desde a sua Coroaçam á sua mortè, com o rio desde a fonte
em que nasce, ao Occeãno em que morre. Ao veres no segundo Emble-
ma huma Basilica com a divisa das chaves Pontificias, cuja entrada def-
fende

fende o symbolo da Fidelidade com a letra: *Incorruptâ Fide*; julga o vigilante, e incontrastavel zelo com que, respeytando sempre a Igreja, conseqüiu por Bulla Pontificia o caracter de REY FIDELISSIMO. Na terceyra pintura, em que huma nevada Pomba mostra que se acautella das unhas de hum Assór, a quem gróças nevoas levantadas do mar servem de emboçada, com a letra: *Umbras cavet*; considera a exacta cautela, e advertencia com que sempre pertendeo que a heresia não manchasse a Fé. Aquella religiosa liberalidade com que este Monarca abria os seus thesouros para os dispendios nas funçoens do Culto Divino, se retrata nessa quarta figura, em que se pinta a Arca do Testamento com a letra: *Non numis, sed Numini*. Contempla como a sua Beneficencia era universal, e propicia, não só para os naturaes, mas tambem para os estranhos, no beneficio antidoto com que hum Unicornio méte a salutifera ponta em hũ lago, para que bebaõ os outros animaes, q̃ he a figura, que representa o quinto Emblema com a letra: *Fovet extrâneos*. Ultimamente na sexta imagem, em que hum Lince ostenta na prespicacia da vista a sua subtil penetração com a letra: *Nullius pavet occursum*; admira a sua Provincia politica, e attenta razaõ de Estado, que, alcançando os mais recõditos arbitrios dos Gabinetes da Europa, lhe consiliou sempre o respeyto, e segurou o Throno. E se acaso o assombro dos olhos vos deyxas as vozes desembaraçadas para o elogio, unamos todas nesta ultima Declamação: O' incomparavel Monarca, se as virtudes te servem na terra de adorno ás cinzas; que melhor indicio de que na eternidade te servem à alma de coroa immortal §

(5.)
No frõ-
tespicio
da porta
da Igre-
ja, esta-
va a fi-
gura da
Fama cõ
hũa ins-
cripção,
que in-
vitava
para o
espetá-
culo.

(6.)
Os Em-
blemas,
q̃ a qui
se refe-
rẽ, orna-
vaõ as
colum-
nas em
circũfe-
rencia
da Eça.

Disse.





L I C E N Ç A S

Do Santo Officio.

Approvaçãõ do P. M. Doutor Frey Joaõ de Santa Roza, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR:



Anda Vossa Eminencia veja , para o informar com o meu parecer , a Relaçãõ , das Honras Funeraes , que na Cidade do Porto mandou fazer o seu Excellentissimo , e Reverendissimo Bispo ao Senhor Rey Dom Joaõ V. de saudosa memoria, e o Sermaõ, que nellas prégou o M. R. P. M. Doutor Antonio de Santa Martha Lobo , Conego Secular do Evangelista. Não acho nestes escritos cousa contra a Santa Fé , e bons costumes; antes , na pompoza magnificencia com que as mandou celebrar, nos manifesta a Relaçãõ, não só a devida gratidaõ, mas a herocidade daquelle grande Prelado, e na escolha de Pregador taõ destinto, a grande pres-

picacia do seu elevado conhecimento. Do Sermaõ posso dizer com Sydonio , e com mayor razaõ: *Est opus pulcrum sublime, varium, elegans, figuratum, de clamatione conspicuum, vernantis eloquij flore molitum, spatiosum etiam, & cum magna Auctoris laude defazum.* Pelo que me parece digno da licença, que pede: Vossa Eminencia mandará o que fór servido. S. Domingos de Lisboa 4. de Dezembro de 1750.

Fr. Joaõ de Santa Roza.

V Ista a informaçaõ , podem-se imprimir a Relaçãõ, e Sermaõ, de que se trata, e depois voltarão conferidos para se dár licença que corraõ, sem a qual não correrão, Lisboa 22. de Dezembro de 1750.

Fr. R. de Alancastre. Silva. Abreu. Almeida. Trigozo.

Do Ordinario.

Approvaçãõ do P. M. D. Joaõ de Santa Helena, &c.

MUITO REVERENDO SENHOR DOUTOR PROVIZOR ARCIPRESTE:

P Or ordem de V. M. vi, e revi a Relaçãõ das Solemnissimas Exequias, e Funeraes Honras, que , por falecimento do Rey *Fidelissimo* Dom Joaõ V. o *Magnanimo* , celebrou nos dias 4. e 5. de Setembro deste presente anno , na Cathedral desta Cidade , o Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor Bispo della ; e juntamente a Oraçaõ Funebre , Historica, e Panegyrica , recitada pelo Muyto Reverendo Padre Mestre Antonio de Santa Martha Lobo , Conego Secular da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista , Lente de Theologia, Doutor pela Universidade de Coimbra, Examinador Synodal deste Bispado do Porto, e Academico dos Arcades de Roma ; o que tudo quer dar ao Prêlo na sua Officina Manoel Pedrozo Coimbra Capitaõ dos Coutos da Excellentissima Mitra.

N

E pe-

E pelo que tóca ao Excellentissimo, e Reverendissimo Author das Solemnissimas Exequias, não só os nacionaes moradores desta Cidade, mas ainda o grande numero de individuos das naçoens estrangeyras, viraõ, e admiraraõ nellas huma cousa nunca vista neste nosso Reyno, e poucas vezes no mundo, confessando, e reconhecendo a magnificencia, liberalidade, grandeza, piedade, sentimento, bom gosto, dezenho, e acerto de Sua Excellencia Reverendissima; fazendo todos igual conceyto, de que era gratidaõ devida a taõ grande, e suspirado Principe esta doloroza, e affectuozissima memoria; poes assim como a Magestade defunta honrou tanto em vida a benemerita pessoa deste seu acertadissimo Ministro Plenipotenciario da Curia Romana, bem era que elle, de poes da morte, lhe mostrasse na Curia Portuense a honorificencia com que respeytava as suas cinzas, e queria eternizar o seu grande nome.

Pelo que pertence ao Escritor da Relaçãõ, a sua aparada penna bẽ mostra os rasgos da sua eloquencia, e a vastidaõ das suas noticias, pondo-as com tal ordem, harmonia, digestaõ, e com termos taõ naturaes, que merecem todo o applauzo, elogio, e louvor, por ser a sua facundia muyto digna de alcançar a honra de sufficiente Chronista da innarravel grandeza de Sua Excellencia Reverendissima.

Pelo que respeyta, finalmente, a quem recitou a Oraçaõ Funebre, Historica, e Panegyrica, digo ingenuamente, que, sem me cegar a inclinaçaõ affectuozã com que venero a sua docilidade, prendas, e literatura, he elle acedor do nome de Demosthenes da sua illustre Congregaçaõ Aquilina; e quem he o summo dos Oradores entre Aguias, bem se vé o muyto que se eleva nos olhos do seu entendimento, e se remonta nos voos da sua penna. Com as açoens de hum Joaõ quis louvar outro Joaõ, assim como o seu Evangelista honrou com a sua narrativa ao meu Baptista; mas com tal Arte usa dos trópos, e figuras da Rhetorica, Divina, e humana, dos successos, e noticias da Historia, Ecclesiastica, e profana, e da applicaçãõ, e propriedade das Escrituras, ou tocadas, ou expendidas, que, ainda lida esta composiçaõ excellente, sem aquella alma com que a sua energia, e vivacidade a alentava quando a dizia, bem se divizaõ nella os conceytos a montes, e a eloquencia a mares; porque dotou Deos o discurso deste novo Demosthenes de taõ singulares circumstancias, para ser Mestre da Oratoria no seculo presente, que para semelhantes emprezas se póde dizer delle com toda a verdade: *Fuit homo missus à Deo.*

E porque nenhuma destas obras contem em si cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou costumes bons, ambas me parecem dignissimas da Imprensa, para que todo o orbe literario reconheça os entendimentos, que tem Portugal, e o amor com que chora as saudades do seu *Fidelissimo*, e *Magnanimo* Rey: *Cui nomen erat Joannes.* Este he o meu parecer, e V. M. mandará o que melhor julgar. Porto 14. de Novembro de 1750.

Dom Joaõ de Santa Helena Couego Regular.

Pode-se imprimir. Porto 14. de Novembro de 1750.

Vergolino.

Do Paço.

Approvaçaõ do P. M. Pedro Correa do Oratorio, &c.

S E N H O R.

POr mandado de V. Magestade vi a Relaçãõ do Magnifico Funeral com que o Excellentissimo, e Reverendissimo Bispo do Porto D. Fr. Joseph Maria da Fonseca, e Evora celebrou na sua Cathedral as Exéquias ao Magnifico, e FIDELISSIMO SENHOR REY D. JOAM o V. de Sempre saudoza memoria. E bem mostra este grande Prelado quanto desempenhou a sua obrigaçaõ pelo muyto que sempre foy estimado, e attendido de hum taõ grande Monarca. Em toda esta apparatosa pompa

pompa se está vendo o generoso animo , e aboa eleyção com que mandou dispor tudo, e não menos aboa escolha que fez do Panegyrista, que nesta fúnebre oração desempenhou o assumpto com o mayor engenho , descripção , gravidade, erudição, e literatura, que se podia considerar com respondente a tão alto objecto. Muytas são, e muy diversas as Exéquias, que nesta Corte, e fóra della se tem consagrado à mesma Augusta Magestade; mas não me consta haja quem excedece, nem ainda igualace a esta tão notavel, e luctuosa demonstração. E não tendo esta Relação couza alguma contra o Real serviço de Vossa Magestade , julgo será preciso saya apúblico , para que nella vejaõ as naçoens estranhas o grande apreço, estimação, e mostras de sentimento com que os Portuguezes forão sempre attentos , e veneradores dos seus Soberanos. He o meu parecer, V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa, e Congregaçãõ do Oratorio 18. de Janeyro de 1751.

Pedro Correa.

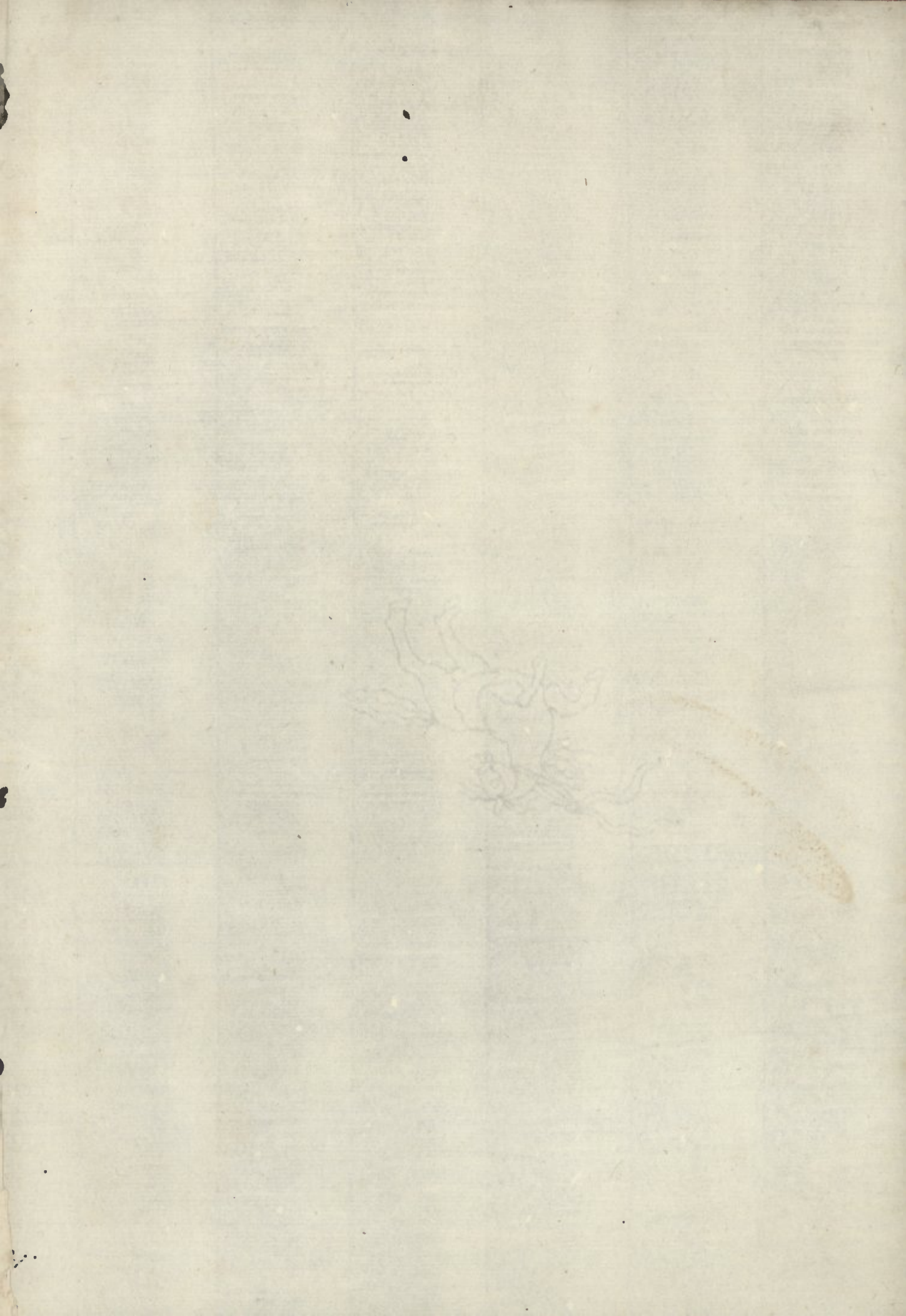
Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario: tornará à Meza para se conferir, taxar, e dár licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa 21. de Janeyro de 1751.

Com quatro rubricas.



H. 61
22833









NB



EF G000032183

22